



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA

**FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA.**

DIEGO GOMES DE FREITAS

**INDISCIPLINA ESCOLAR: Concepções de professores da EMEF
Magalhães Barata, em Itaituba- Pará**

ITAITUBA/PA

2020

DIEGO GOMES DE FREITAS

**INDISCIPLINA ESCOLAR: Concepções de professores da EMEF
Magalhães Barata, em Itaituba- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

ITAITUBA/PA

2020



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI**

Av. Dr. Governador Fernando Guilhaon, 4ª. Rua
Cidade Alta, Bairro Jardim das Araras
68180-110 - Itaituba-Pará.

Telefone (93)3518-4320/ Fax: (93)3518-4319.
Site: www.unifait.edu.br /E-mail: fai@unifait.edu.br

ACADÊMICO: DIEGO GOMES DE FREITAS

**INDISCIPLINA ESCOLAR: CONCEPÇÕES DE ALUNOS E PROFESSORES
DA EMEF MAGALHÃES BARATA, EM ITAITUBA- PARÁ**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de
Itaituba.Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da
Costa Cruz, Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____
Prof.^a Lúcia Maria da Costa Cruz, Esp.

Orientadora: _____ Nota: _____
Prof. Francisco Cláudio da Silva Sousa

Avaliador: _____ Nota: _____
Prof. Dhemesbraene Soares da Silva

Resultado: _____ Média: _____

Data: 10 de Janeiro de 2020

Dedico este trabalho primeiramente à minha família e amigos que tanto contribuíram para que continuasse nessa jornada de conhecimento, em segundo a Faculdade de Itaituba e às políticas públicas de incentivo à educação superior no Brasil que possibilitou bolsa integral nesta faculdade.

AGRADECIMENTOS

Aos amigos que conheci na instituição, Dheferson Willians de Oliveira Macedo, Maria Rosa, Naiane Rocha Fernando, Willian Painiu de Sousa e Willian Rangel Vasconcelos pelo grande incentivo durante o curso.

A educação é um ato de amor de empatia. A disciplina deve começar com essas duas práticas fundamentais.

Maya Santos

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado "Indisciplina na escola", foi desenvolvido na EMEF Magalhães Barata, em Itaituba- Pará, a partir de uma pesquisa bibliográfica e de campo com abordagem qualitativa, em novembro de 2019. Buscou-se analisar cinco professores da referida escola, quanto à questão da indisciplina escolar, através de questionários individuais, sobre o evento questionado. As questões que direcionaram a investigação consistiram em: Quais desafios são enfrentados pelos professores, frente á indisciplina de alunos na escola? Que procedimentos metodológicos são utilizados pelos docentes a fim de enfrentamento da indisciplina no ambiente escolar? Quais as principais causas da indisciplina em sala de aula? O trabalho foi estruturado em três capítulos distintos, várias abordagens sobre a temática estudada. Para chegar-se aos resultados, foi necessário a coleta e análise das respostas dos entrevistados com suas devidas discursões, comentários, propostas contribuintes e a conclusão, onde constatou-se que a indisciplina está presente no cotidiano dos alunos da escola e que precisa de medidas intervenientes, para se chegar ao ensino aprendido com eficácia..

Palavras- chave: Indisciplina. Metodologias. Aprendizagem.

ABSTRACT

The present Course Conclusion Paper, entitled "Indiscipline at School", was developed at EMEF Magalhães Barata, Itaituba-Pará, from a bibliographic and field research with qualitative approach, in November 2019. It aimed to analyze five teachers from referred school, through individual questionnaires, about the event questioned. The questions that guided the research consisted of: What challenges are faced by teachers, facing the undisciplined students at school? What methodological procedures are used by teachers in order to confront indiscipline in the school environment? What are the main causes of indiscipline in the classroom? The work was structured in three distinct chapters, several approaches on the studied theme. In order to arrive at the results, it was necessary to collect and analyze the respondents' answers with the due speeches, comments, contributing proposals and the conclusion, where it was found that the indiscipline is present in the daily life of the school student and that it needs to be measured.

Keywords: Indiscipline. Methodologies Learning.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	É comum você se deparar com indiscipline nesta escola?.....	44
QUADRO 02	Quais os procedimentos adotados pela escola no combate à indisciplina?	45
QUADRO 03	Trace o perfil de um aluno indisciplinado.....	46
QUADRO 04	A escola desenvolve projetos voltados para o combate à indiscipline escolar? Descreva.....	47
QUADRO 05	Você acredita que a educação familiar interfere no comportamento do aluno? Porque?	48
QUADRO 06	Do seu ponto de vista os pais são responsáveis pela mau comportamento do aluno em sala de aula? Justifique sua resposta	49
QUADRO 07	Qual sua mensagem para professores diante das indisciplinas de alunos em sala de aula?	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 ABORDAGEM SOBRE ESCOLAS E REGRAS	14
1.1 SURGIMENTO DA ESCOLA E AS REGRAS DISCIPLINARES	14
1.2 DEFINIÇÕES SOBRE INDISCIPLINA ESCOLAR	22
1.3 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA INDISCIPLINA ESCOLAR	25
1.4 A EDUCAÇÃO FAMILIAR E OS VALORES ÉTICOS E MORAIS	29
2 DESAFIOS DA ESCOLA FRENTE A INDISCIPLINA ESCOLAR	34
2.1 TIPOS DE INDISCIPLINAS E EVENTOS DE VIOLÊNCIA PRATICADAS POR ALUNOS	34
2.2 A COMUNIDADE ESCOLAR E OS PROFESSORES FRENTE À VIOLÊNCIA	36
2.3 DESAFIOS DA DOCÊNCIA EM RELAÇÃO À INDISCIPLINA	38
2.4 CASOS DE INDISCIPLINA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS	40
3 INDISCIPLINA ESCOLAR: CONCEPÇÕES DE ALUNOS E PROFESSORES DA EMEF MAGALHÃES BARATA, EM ITAITUBA-PARÁ	43
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	43
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	44
3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS	44
3.4 ANÁLISE DA PESQUISA COM OS PROFESSORES	45
3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES	54
CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE	62

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão e Curso, foi desenvolvido, objetivando analisar a questão da indisciplina na escola, cujo estudo ocorreu na da EMEF Magalhães Barata, em Itaituba- Pará, em Dezembro de 2019. Atualmente, a indisciplina escolar configura-se, como um desafio aos educadores por ser intensamente vivenciada nas escolas, com todos os que nela estão inseridos. Trata-se, portanto, de uma situação que deve ser amplamente debatida e investigada, a fim de facilitar o trabalho do docente, ao lidar com o evento.

Os procedimentos metodológicos para a realização deste trabalho, consistiram em uma pesquisa para embasamento teórico com autores que trabalham a questão da indisciplina no contexto escolar, tais como (AGUIAR, 2009), (AQUINO, 1996), (CASTRO, 2004), (ESTRELA, 2002), (FREIRE, 1991), dentre outros; e uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa e buscou analisar os desafios dos professores frente à indisciplina na escola.

Foi necessária a elaboração das seguintes questões norteadoras: Quais desafios são enfrentados pelos professores, frente à indisciplina de alunos na escola? Que procedimentos metodológicos são utilizados pelos docentes a fim de enfrentamento da indisciplina no ambiente escolar? Quais as principais causas da indisciplina em sala de aula?

Neste sentido, objetivou-se analisar os desafios da docência frente à indisciplina escolar; identificar estratégias metodológicas dos professores e compreender possíveis causas da indisciplina no ambiente escolar. O referido trabalho está estruturado em três capítulos, em que primeiro, faz uma abordagem sobre a escola e regras; o surgimento da escola e as regras disciplinares; a definições sobre indisciplina escolar; fatores que contribuem para indisciplina escolar e a educação familiar e o valores éticos e morais

O segundo capítulo ressalta sobre desafios da escola frente a indisciplina escolar; tipos de indisciplinas e eventos de violência praticadas por alunos; a comunidade escolar e os professores frente à violência; desafios da docência em relação à indisciplina e casos de indisciplina nas escolas brasileira.

O terceiro capítulo apresenta o resultado da pesquisa com a indisciplina escolar; as concepções de professores da escola investigada, a caracterização da escola; os procedimentos metodológicos; os perfis dos professores entrevistados; a análise da pesquisa; as propostas contribuintes e a conclusão de todo o estudo.

Desta forma, percebeu-se que a indisciplina está presente na escola, que o ambiente educacional faz a diferença, que os professores são importantes para trabalhar este problema e especialmente o aluno indisciplinado é o reflexo da falta de limites da educação familiar.

1. ABORDAGEM HISTÓRICA SOBRE ESCOLA E REGRAS

1.2 SURGIMENTOS DA ESCOLA E AS REGRAS

Na Grécia antiga o ensinamento era praticado de maneira informal, sem sala ou divisão por séries, as diferenças dessas escolas para as atuais é que as disciplinas não tinham um desenvolvimento autônomo e progressivo, a aprendizagem dos conteúdos era aleatórios, repetitiva e transmitida autoritariamente do pai para os filhos.

Segundo Manacorda (2006, p. 09), vêm de lá os testemunhos mais antigos sobre educação. Documentos do Antigo Império egípcio (séc. XXVII a.C.) atestam a transmissão de sabedoria de geração a geração, de pais para filhos, o que revela um ponto pedagógico. Nada garante, no entanto, que tal transmissão incluía o ler e o escrever, embora valorizassem o falar bem e o respeito à palavra.

A educação romana pode ser dividida em duas etapas: a primeira, baseada no paterfamílias, vigorou até a adoção do modelo de educação grego, e a segunda, daí em diante, baseada no mesmo verbalismo e dogmatismo que caracterizavam o ensino na Grécia. Marrou (1990) define a antiga educação de Roma, situada entre o século VI a.C. até a adequação progressiva à civilização helenística após a morte de Alexandre, o Grande, em 323 a.C., como uma educação de camponeses. Todo o latim, segundo o autor, pode ser definido como uma língua de camponeses, desenvolvida por um povo que vivia da terra, de onde brotavam suas significações.

Para compreendê-la – a antiga educação romana –, basta observar o que é, ainda hoje, na sua essência, a formação dos pequenos camponeses. A educação para eles é antes de tudo a iniciação progressiva em um modo de vida tradicional. (MARROU, 1990, p. 360)

Sodré (1989, p.122-123) define o ensino como uma forma de educação, “[...] o meio sistemático mais usado e mais desenvolvido [...]” na transmissão da cultura. Segundo o autor, em graus diferentes de desenvolvimento, sempre houve na história dos povos um “[...] aparelho de transmissão sistemática dos conhecimentos [...]”. Esse grau de desenvolvimento do ensino está relacionado intimamente ao grau de complexidade das sociedades, assim, “[...] sociedades complexas, como as do capitalismo, demandam complexos aparelhos de ensino, estruturas complexas de ensino [...]”. Como “peças do Estado”, tais estruturas “[...] transmitem a cultura

oficial, aquela que obedece à característica social de que a cultura dominante é a cultura dos dominantes”

No século XII foram fundadas as primeiras escolas na Europa, sendo os romanos os predecessores do sistema de ensino. De acordo com Melo (2017, p.20) “A educação romana era baseada nos mesmos moldes que haviam caracterizado o ensino na Grécia, naquilo que se refere às artes da gramática, da retórica, da lógica.”. A escola era como um organismo que coordenava uma série de instituições espalhadas por toda a província do império.

Na antiga Roma a escola já era uma instituição enraizada e o prestígio do professor nem sempre correspondeu às expectativas, sendo para os alunos o algoz de ensino, sobre os métodos de disciplina, Manacorda (2002, p.90) discorre como era visto o professor “Do *lietector* e do *grammaticus* são lembrados especialmente duas coisas: sua sádica severidade e sua miséria.”. Sendo assim as primeiras visões sobre as formas disciplinares dos professores.

O uso das punições corporais empregadas pelos pedagogos e pelos mestres contra os discípulos, como também as vinganças dos discípulos, que não hesitavam em quebrar-lhe a cabeça (*disrumpere caput*) ou chicotear (*verberare*) seus velhos pedagogos e mestres: tratava-se, afinal, de escravos. Outros autores comprovam a reciprocidade destes costumes. (MANACORDA, 2002, p.90)

Ao analisar a visão de Manacorda, encontram-se relações desses acontecimentos aos dias atuais, nos documentos da literatura latina que abordam “as vinganças dos alunos” como nos trabalhos de Hercules, que com o banco da escola matou seu professor de música. Verifica-se que a indisciplina existia desde o início e antes da educação escolarizada, um problema atual e antigo, que desestrutura e condiciona as metodologias utilizadas em sala de aula pelos professores.

Os jesuítas, com seu projeto educacional, e os portugueses que vieram para a colônia brasileira em busca de riquezas, tiveram papel fundamental na formação da estrutura social, administrativa e produtiva da sociedade que estava sendo formada. Partindo do pressuposto de que o fenômeno educacional não é um fenômeno independente e autônomo da realidade social de determinado momento histórico, devemos analisar o projeto jesuítico levando-se em conta o desenvolvimento social e produtivo da época colonial.

De acordo com Francisco Filho (2004), no Brasil, a estrutura de ensino da Companhia de Jesus tinha como objetivo pregar a fé cristã e novos valores, o maior nome nos colégios da Companhia de Jesus era o reitor e seu aliado, prefeito de estudos, que tinham como objetivo fiscalizar e fomentar atividades que pudessem formar bons soldados da igreja, desenvolver a moral e formar a personalidade do indivíduo.

Os jesuítas tornaram-se uma poderosa e eficiente congregação religiosa, em parte em função de seus princípios fundamentais, que eram a busca da perfeição humana por intermédio da palavra de Deus e a vontade dos homens; a obediência absoluta e sem limites aos superiores; a disciplina severa e rígida; a hierarquia baseada na estrutura militar; e a valorização da aptidão pessoal de seus membros. Tiveram uma grande expansão nas primeiras décadas de sua formação, constatada pelo crescimento de seus membros, pois em 1856 contava com mil membros e em 1606 esse número cresceu abundantemente.

No Brasil o Ratio Studiorum tornou-se regra e enfatizava a repetição, disputas, interrogações e opressões em sala de aula, os métodos utilizados tinham por objetivo, fazer com que os alunos memorizassem e transmitissem as informações, repeti-la e jamais questiona-la. Tudo com o objetivo de formar homens eruditos e que defendessem as ideias da igreja. Dentre as regras do Ratio Studiorum estava a seguinte ordem:

Apliquem-se aos estudos com seriedade e constância: e como se devem acautelar para que o fervor dos estudos não arrefeça o amor em virtudes sólidas e da vida religiosa, assim também se devem persuadir que, nos colégios, não poderão fazer coisas mais agradáveis a Deus do que, com a intenção do que se disse acima, aplicar-se diligentemente aos estudos[...] (ARANHA, 2006, P.136)

Descreve-se com autoridade a necessidade de ordem em sala de aula, como base que sustenta essa regra, são as chantagens emocionais e físicas, visto que a religiosidade empunhava medo aos alunos. Evidenciando dessa forma que os modelos de ensino atingiam situações de extrema alienação, sendo o conteúdo muito literário e pouco científico.

O Projeto Educacional Jesuítico não era apenas um projeto de catequização, mas sim um projeto bem mais amplo, um projeto de transformação social, pois tinha como função propor e implementar mudanças radicais na cultura indígena brasileira.

Ou seja, era um projeto de transformação social, pois tinha como função propor e implementar alterações profundas na cultura indígena brasileira. Teixeira Soares (1961, p. 142) afirma que a Companhia de Jesus surgiu como “uma explosão de pensamento religioso transvertido ao campo das atividades práticas. Refazer o homem, infundir-lhe espírito novo, arquêtipá-lo em finalidade sociais e religiosas, foi a ação da Ordem. ”

A atuação jesuítica na Colônia pode ser compreendida em duas fases distintas: a primeira corresponde ao período de adaptação, construção de seu trabalho de catequese e conversão do índio aos costumes dos brancos. Já a segunda fase, que corresponde ao segundo século de sua atuação, foi um período de grande desenvolvimento do sistema educacional implantado no primeiro período, ou seja, foi a fase de consolidação de seu projeto educacional.

Inicialmente os padres jesuítas dedicaram-se à catequização e à conversão do gentio à fé católica, mas com o passar dos anos começaram a se dedicar, também, ao ensino dos filhos dos colonos e demais membros da Colônia, atingindo num último estágio até a formação da burguesia urbana, constituída, principalmente, pelos filhos dos donos de engenho. Esses jovens, que após o término de seus estudos no Brasil partem para estudarem na Universidade de Coimbra, vão impulsionar muito mais tarde o espírito nacionalista.

Por meio de seu ensino e sua metodologia, os jesuítas exerceram grande influência sobre a embrionária sociedade brasileira, constituída pelos filhos da classe burguesa. As principais críticas efetuadas pelos adversários políticos dos jesuítas no Reino ao método pedagógico são:

a educação da mocidade real e colonial, monopolizada pelos padres, orientava-se, sem dúvida, para a uniformidade intelectual; os quadros do seu ensino, dogmático e abstrato, não apresentavam plasticidade para se ajustarem às necessidades novas: os métodos, autoritários e conservadores até a rotina; e, além de não incluir o ensino das ciências, esse plano de estudos, excessivamente literários e retóricos, não abria lugar para as línguas modernas, conservando nas elites uma tal ignorância sobre essas línguas que de maravilha se encontraria, na colônia, um brasileiro que soubesse francês. (AZEVEDO, 1976, p. 48)

Aranha 2006, explana que no Brasil os jesuítas foram expulsos em 1759 e a Companhia de Jesus em 1773, sendo marquês de Pombal o responsável por instituir a educação leiga, p. 174), descreve os professores da época como “Mal pagos,

geralmente não tinham experiência ou permaneciam nessa profissão enquanto não arrumavam outra melhor.”

As causas da expulsão dos jesuítas do Brasil podem ser categorizadas: políticas e ideológicas – a Companhia de Jesus tornara-se um empecilho aos interesses do Estado Moderno, além do que era detentora de grande poder econômico, cobiçado pela Coroa portuguesa; e educacional – as transformações sociais advindas do movimento Iluminista e dos princípios liberais requeriam a formação de um novo homem, o homem burguês, o comerciante, e não mais o homem cristão.

Teixeira Soares (1961), afirma que os jesuítas pretendiam formar o modelo de homem cristão, diferentemente do homem burguês que estava sendo formado na Europa. Contudo, discordamos do pesquisador na medida em que o mesmo afirma que os jesuítas pretendiam formar um “novo homem”, pois na realidade os padres jesuítas estavam lutando para manter vivo o “atual modelo de homem” – o homem cristão – que estava sendo substituído pelo modelo de homem burguês.

Para Teixeira Soares (1961), as reformas elaboradas pelo Marquês de Pombal, em seu mandato como Ministro, visavam a transformar e adaptar a sociedade portuguesa aos movimentos sociais, econômicos e políticos que estavam ocorrendo na Europa do século XVIII.

Segundo Ribeiro (1995: 33), “do ponto de vista educacional, a orientação adotada na administração de Pombal foi de formar o perfeito nobre, agora negociante; simplificar e abreviar os estudos fazendo com que um maior número se interessasse pelos cursos superiores; propiciar o aprimoramento da língua portuguesa; diversificar o conteúdo, incluindo o de natureza científica; torná-los mais práticos possíveis”, uma vez que esses cursos deveriam enfocar, também, o mercado de trabalho. Para aqueles que pretendiam cursar o ensino superior, a saída era enfrentar uma longa viagem à Europa e frequentar a Universidade de Coimbra. Essa, portanto, era a realidade no campo da educação no período pombalino.

É preciso atentar-se para uma peculiaridade a ser destacada nesse processo de expulsão dos jesuítas e de formulação das reformas de Pombal, que tem início nesse momento histórico e que acompanhará a educação brasileira ao longo dos anos: as reformas educacionais brasileiras apresentam como característica marcante a total destruição e substituição das antigas propostas pelas novas.

É importante ressaltar que a educação que se desenhou no Brasil durante o governo de D. João continha forte conteúdo ideológico europeu e discriminativo no sentido de apenas formar quadros de profissionais importantes para as elites aristocráticas e da Corte, em detrimento das classes inferiores. Mas tudo isso se acomodava dentro de uma estrutura educacional que pressupunha liberdade e autonomia nas ações voltadas para as questões educacionais; pelo menos esse era o discurso da época (ROMANELLI, 1998, p 38-39).

O período compreendido entre sua chegada em 1549 até sua expulsão em 1759, foram os responsáveis pelo ensino formal dos habitantes do Brasil, inclusive dos jovens que se preparavam para ingressar em cursos superiores na Universidade de Coimbra.

Indubitavelmente, os aspectos sócio-econômicos citados por Fernandes (1975) demonstram haver uma recuperação e uma retomada da economia nacional, de importância fundamental para a consolidação da monarquia. O avanço econômico refletiu-se na educação.

O Estado criou a Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, que tinha por finalidade fiscalizar e orientar o ensino público e particular; estabeleceu normas para o exercício da liberdade de ensino e programou um sistema de preparação de professores para o ensino primário.

Assim, reformulou os estatutos do Colégio de Preparatórios e universalizou os programas e livros, com base nos utilizados nas escolas oficiais. No processo de crescimento, entretanto, devem ser consideradas a participação dos partidos políticos e a atuação de homens notáveis, a exemplo de Eusébio de Queirós (RIBEIRO, 1995, p. 55).

A partir de 1850, sob influência inglesa, que precisava aumentar o seu mercado consumidor, o Brasil enfrentou forte pressão para extinguir o trabalho escravo, uma vez que ele contribuía para baixar o preço da produção final e, com isso, prejudicava a economia da Inglaterra. Em decorrência desses acontecimentos, a escravidão foi extinta no Brasil, com a aprovação da Lei Eusébio de Queirós, de 4 de setembro de 1850, acabando definitivamente com o tráfico negreiro. Com a Lei Áurea de 13 de maio de 1888, deu-se a abolição da escravatura no Brasil.

Essa mudança nas relações de trabalho contribuiu também para que o Brasil fosse considerado competitivo perante as demais nações independentes e que

pudesse receber investimentos e maquinários para melhorar o seu processo industrial, como afirma Reis Filho (Apud RIBEIRO, 1995):

A consolidação desse desenvolvimento econômico manifesta-se de imediato com o contato mais intenso com a Europa, fonte fornecedora não só dos novos maquinários e instrumentos, que importávamos, mas também das novas idéias que passaram a circular no acanhado meio intelectual dos meados do século XIX brasileiro. (RIBEIRO, 1995, p. 64)

A influência estrangeira não se deu apenas nas relações econômicas, mas também na educação. A França, aproveitando o momento que lhe era propício, exportou suas ideias de evolução com o darwinismo biológico, o positivismo e o materialismo filosófico e político. Da mesma forma, a Alemanha apresentou modelo universitário voltado para formar elite intelectual de alto nível.

A característica principal do modelo alemão era dar plena liberdade de ensinar e de aprender. "O Estado cria e mantém as universidades, mas não lhes dita doutrina, não intervém na administração, ficaria inteiramente autônoma". Reis Filho (Apud RIBEIRO, 1995: 66). Esses modelos, por serem importados, não refletiam a realidade do Brasil, razão pela qual os resultados não eram satisfatórios. No entanto, esses países enviaram grandes contingentes de cientistas e pesquisadores para o País.

Com a proclamação da República, implantou-se no Brasil nova filosofia de Estado: a federação. Em 15 de novembro de 1889, mediante golpe de Estado, o Brasil saiu do regime monárquico e passou para o republicano. Em tal contexto, o governo provisório assinou o Decreto nº 1, declarando "que as antigas províncias ficavam reunidas pelos laços da federação, constituindo os Estados Unidos do Brasil" (MALUF, 1993: 361). Cada estado da federação passou a ter sua própria constituição, com governos eleitos e forças políticas autônomas.

Com relação aos três momentos referidos, a educação proposta pelos diversos regimes políticos, experimentados no Brasil, recebeu pouca atenção dos governantes. Entretanto, não se pode recriminar completamente a forma como foi implantada, e muito menos desconsiderar o trabalho que os primeiros educadores, a exemplo dos jesuítas, desenvolveram, mesmo sabendo de seus interesses.

Neste contexto, há que se refletir: ora, se não tivemos um modelo próprio de educação, não poderíamos ter, necessariamente, ensino de qualidade, até porque o modelo trazido pelos portugueses era inferior em relação ao restante da Europa.

Em contrapartida, deve ser enaltecido o trabalho dos professores que desenvolveram suas atividades nesses três momentos, considerando os percalços enfrentados: ora por incompatibilidade político-partidária, ora por falta de recursos didático-pedagógicos ou até mesmo por natureza remuneratória.

A escola contemporânea sofre com o desenvolvimento acelerado que ocorre a sua volta, onde as informações são atualizadas em frações de segundos, ocasionando de certa forma, o desgaste e o comprometimento das ações voltadas para o aprimoramento do ensino, fazendo com que a sala de aula se torne um ambiente de pouca relevância para a consolidação do conhecimento, tornando a vivência social o requisito primordial para a busca de aprendizado, sobre essa escola.

Dessa forma, Amélia Hamze (2004, p. 1) afirma em seu artigo "O Professor e o Mundo Contemporâneo", que como educadores não devemos identificar o termo informação como conhecimento, pois, embora andem juntos, não são palavras sinônimas. Informações são fatos, expressão, opinião, que chegam as pessoas por ilimitados meios sem que se saibam os efeitos que acarretam. Liberdade e autonomia mental.

Para Hamze (2004) em seu artigo "O Professor e o Mundo Contemporâneo" considera que Os novos tempos exigem um padrão educacional que esteja voltado para o desenvolvimento de um conjunto de competências e de habilidades essenciais, a fim de que os alunos possam fundamentalmente compreender e refletir sobre a realidade, participando e agindo no contexto de uma sociedade comprometida com o futuro.

Neste sentido, faz-se necessário à busca de uma nova reflexão no processo educativo, onde o agente escolar passe a vivenciar essas transformações de forma a beneficiar suas ações podendo buscar novas formas didáticas e metodológicas de promoção do processo ensino-aprendizagem com seu aluno, sem com isso ser colocado como mero expectador dos avanços estruturais de nossa sociedade, mas um instrumento de enfoque motivador desse processo.

1.2 DEFINIÇÕES SOBRE INDISCIPLINA ESCOLAR

A indisciplina é uma das maiores objeções enfrentadas pelo corpo docente para aprimorarem o trabalho pedagógico. A insubmissão tem sido o alvo de

inúmeras discussões entre os professores brasileiros dos diferentes níveis de ensino, desde a Educação Básica até o Ensino Superior.

De acordo com Barbosa (2009, p. 1) que “O fenômeno, além de não limitar-se a determinados níveis de escolaridade, também não se restringe a países ou culturas específicas”. Portanto, é plausível afirmar que a indisciplina aflige a sociedade escolar em geral, e que qualquer recinto escolar pode estar sujeita a ocorrência desse fenômeno.

De acordo com Parrat Dayan (2008), os conflitos em sala de aula caracterizam-se pelo descumprimento de ordens e pela falta de limites como, por exemplo falar durante as aulas o tempo todo, não levar material necessário, ficar em pé, interromper o professor, gritar, andar pela sala, jogar papeizinhos nos colegas e no professor, dentre outras atitudes que impedem os docentes de ministrar aulas mais qualidade.

Conforme Joe Garcia (1999, p. 102), em seu artigo “Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva” afirma que “o conceito indisciplina apresenta uma complexidade que precisa ser considerada”. Na visão do autor, a indisciplina deve ser observada em diversos aspectos. Garcia (1999, p. 102) afirma que, “é preciso, por exemplo, superar a noção arcaica de indisciplina como algo restrito à dimensão comportamental, [...] é necessário pensá-la em consonância com o momento histórico desta virada de século”.

No século XX os panoramas das variações escolares, a definição de disciplina vai estar vigorosamente conectada à percepção de domínio sobre a conduta, propondo com múltiplos aparatos tais como a avaliação educacional. A informação de (in) disciplina como oposição de disciplina, pode ser agregada, a acepção de escassez de compreensão, ou de comportamento contestatória ou divergente dos esquemas de controle social.

Para Estrela (1992, p.17) a (in) disciplina pode ser pensada como negação da disciplina, ou como “desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas pelo grupo”. Segundo Estrela (1995 p. 65) é, sobretudo, o professor que produz e comunica normas sociais que julga necessárias para exercer sua ação pedagógica, e assim prescreve determinadas posturas e regras a serem aceitas, muitas vezes sem a devida discussão com os alunos, e sem que aquelas atendam às suas expectativas e necessidades.

Na literatura educacional o conceito de (in)disciplina vem se modificando, tal como suas expressões na escola. Segundo Garcia (1999, p. 103) a (in)disciplina escolar apresenta "Atualmente, expressão diferente, é mais complexa e criativa, e parece aos professores mais difícil de equacionar e resolver de um modo afetivo".

A ausência de informações quanto à indisciplina e a astúcia em driblá-la em sala de aula propiciam a muitos docentes um discurso reducionista do fenômeno. Em Aquino (1996, p.40) é possível perceber que os professores têm reclamado sobre "[...] a procedimento transtornado dos alunos manifestado em termos como: tumulto, bagunça, falta de limite, maus comportamentos, desrespeito às figuras de autoridade, etc" (grifos do autor), evidenciando que consideram a indisciplina como mero obstáculo do processo educativo.

Aquino (1996) estabelece para tal probabilidade, a indisciplina está agrupada a uma carência na estrutura psíquica do aluno, fruto da falha da família no cumprimento da parcela que lhe cabe do trabalho educacional. Entretanto, destaca que o problema não pode ser olhado somente por esse viés.

Dessa maneira, Silva (2007) analisa que a ausência familiar prejudicar na disciplina do aluno, ora porque os feitiços familiares se modificar, ora com a inclusão da mulher no mercado de trabalho capitalista, influencia a conduta e evolução escolar dos filhos. Quanto mais ocorrer aproximação entre pais e filhos, maior a transmissão de valores morais, o que refletira na conduta escolar dos alunos.

Suscintamente, Foucault (1987) expõe as estruturas e métodos detalhados que visavam disciplinar os corpos, a fim de tornar o indivíduo um corpo dócil. Em consonância, Aquino (1996) pontua a indisciplina como um desafio presente no cotidiano escolar e enfatiza a não solução do problema enquanto a escola perdurar na busca do modelo ideal de aluno, utilizando as mesmas técnicas e práticas de outrora.

De acordo com La Taille (1996) a indisciplina é uma forma de resistência à disciplina imposta. Para ele, na medida em que a disciplina são comportamentos estabelecidos, logo a indisciplina é a negação de tal comportamento, descumprimento e contrariedade às normas.

Em pesquisa baseada em Foucault, Guirado (1996) afirma que as atitudes dos alunos em resistir às regras podem ser consequência da imposição destas regras a eles sem que as tenham interiorizado. Conforme a autora, no momento em

que os combinados são firmados coletivamente, mostra-se mais eficazes e disciplinadores do que a imposição dessas regras.

De acordo com Guirado (1996), aponta-se que o ato de não acatar as regras é denominado por Foucault de poder. Tal exercício ocorre nas relações e, portanto, na medida em que o professor impõe regras aos alunos, estes podem manifestar sua insatisfação exercendo poder sob o professor, através da indisciplina. A autora analisa que a indisciplina advém das relações de poder estabelecidas, podendo ser caracterizada como uma espécie de contra controle que visa enfrentar um poder instituído (do professor).

Como ressalta Libâneo (2004) que as mudanças no aspecto individual e social vêm se estimulando a preparar para competir, por si mesmas, no mercado de trabalho e gerar seus próprios meios de vida. Nessa perspectiva, perde-se o sentido da coletividade, das trocas, de vínculos afetivos duradouros e da cooperação mútua. Passa-se a ideia de que o prazer está nos bens materiais e não no companheirismo, na convivência, no diálogo e na solidariedade.

Nesse contexto globalizado, as mudanças proporcionadas pela economia, sob a égide do capital permeada pelas novas mídias e tecnologias, invadem o cotidiano das pessoas, aceleram e aprofundam a exclusão social e lança novas questões para a pedagogia. Essas transformações tecnológicas e científicas levam-nos a compreender que são necessários novos sistemas de organização do trabalho, principalmente no trabalho pedagógico, para atender às exigências da sociedade atual.

Vasconcellos (1989) salienta ainda, que, para que haja um ensino transformador, é preciso competência profissional e coragem para rever as propostas de trabalho no interior da escola, onde apesar dos problemas enfrentados que não são poucos, o educador compreenda que ele ainda é o principal agente de sua transformação, junto aos seus pares e todos os envolvidos no processo.

Afinal vale ressaltar a necessidade de uma nova compreensão sobre o fenômeno, superando a visão comportamentalista e a unilateralidade na responsabilização pelo seu aparecimento. O "comportamento indisciplinado" não deve ser visto como um fim em si mesmo, mas como sintoma decorrente de causas mais profundas, geralmente veladas. Esse entendimento pode auxiliar a comunidade

escolar no diagnóstico e tratamento das questões disciplinares, antes que os prejuízos ao aprendizado se instalem.

1.3 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A INDISCIPLINA ESCOLAR

Os regulamentos escolares – “conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar” – estabelece uma característica no convívio entre alunos e professores “em uma sala de aula e, conseqüentemente, na escola”, afirma Tiba (1996). Como qualquer relacionamento humano, a possibilidade de enfraquecimento das regras que determinam a disciplina escolar é bastante comum e o tratamento que se dá a esse enfraquecimento – nominado indisciplina – apresenta contradições e diversidade entre os educadores.

Há inquietas as causas da indisciplina em sala de aula, sendo que a maioria delas é apontada por pais e educadores sem que se faça uma reflexão dos seus porquês. Toma-se como exemplo a questão da falta de valores comumente apontada por estudiosos da temática, e que Taille (1996, p. 9) indaga: “quais valores”?

Uma das causas apontadas por Taille (1996) refere-se à ausência de moral/vergonha por parte dos alunos. Mas é preciso buscar, também, os motivos para essa ausência. O autor menciona uma das transformações ocorridas nas escolas, principalmente as particulares, a partir da última década do século XX: o aluno passou a ser considerado cliente, afirma o autor, “o aluno se torna ‘cliente’ a quem a escola vende um ‘produto’. E, como se sabe, o cliente é rei, é ele quem manda” (TAILLE, 1996, p. 21).

A consequência desse tratamento equivocado é percebida diante de reações dos alunos junto aos seus professores; pois há alunos que enfrentam seus mestres afirmando que não lhe devem obediência, que pagam seus salários e que são, conseqüentemente, seus empregadores.

Por sua vez, Vasconcellos (1995, p. 23) atribui, como causa da indisciplina, o fato de que a desvalorização social da escola fez com que houvesse uma queda do mito da ascensão social, por meio ensino e aprendizagem, diminuindo consideravelmente a motivação extrínseca que havia entre aqueles que desejavam “ser alguém na vida”, por meio do ensino.

A questão do poder e autoridade permeiam todas as esferas da sociedade e tomam cada vez mais proporção no contexto educacional, tendo em vista a relação social entre aluno e professor e a importância do processo educativo na sociedade do conhecimento. Batista (2011) relata que nas relações de poder o papel de oprimido e opressor mudam constantemente. Na escola se evidencia que o poder transita entre alunos e professores. Os alunos confrontam, reagem, resistem ao poder e a autoridade do professor.

Segundo Novais (2004) a questão da autoridade emerge no discurso daqueles que estão envolvidos no contexto educacional e está intimamente vinculada à (in)disciplina. Nesse contexto, surge a imagem de uma autoridade punitiva, capaz de corrigir ou evitar a indisciplina.

Deve-se perceber que a indisciplina e outros comportamentos inadequados como fenômenos complexos ditados pelos novos tempos pedagógicos significa conceber a relação professor aluno como necessariamente conflitiva. (AQUINO, 2003).

Mediante a situação, a influência de outros alunos que estão desinteressados e acabam induzindo a outros a indisciplina, entre outros. A combinação dessas causas é característica da indisciplina e deve ser considerada, para que possamos compreendê-la e estabelecer soluções efetivas.

É importante destacar conforme Garcia (1999, p.105) "existem vários fatores que contribuem para a indisciplina, cada um com seu grau de importância". Os casos de indisciplina, ainda que envolve um único aluno, na maioria das ocorrências têm origem em várias causas distintas e complexas, como exemplo falta de interesse no conteúdo ministrado, metodologias inadequadas.

Como afirma Vasconcellos (2015), os educadores têm enfrentado grandes desafios em relação à indisciplina em sala de aula, seja ela no ensino público ou particular, na educação básica ou no ensino superior. Segundo o autor este problema não existe apenas no Brasil, mas ocorre também em vários outros pontos do mundo, como França e Japão.

Pirola (2009) aponta que um dos problemas mais evidentes [...] foi o gradativo aumento de indisciplina nas instituições de ensino, o que trouxe sérias consequências, entre elas o próprio fracasso na aprendizagem dos alunos, o que vem a confirmar os apontamentos relacionando a indisciplina e a queda na aprendizagem dos alunos.

Conforme Epp (1996) alguns métodos ligados ao autoritarismo podem resultar em alunos que se tornam mais amáveis em relação ao seu comportamento, mas, este autoritarismo pode acabar gerando uma maior frequência de comportamentos violentos. Isso aponta para a importância que o modo de pensar e agir do professor seja voltados para a minimização da violência. Isso quer dizer que o professor deve sempre mostrar interesse e preocupação pelos alunos, auxiliá-los nas tarefas escolares e em tomada de decisões e que seja competente para administrar os conflitos que surgirem com justiça e sem humilhações para quem quer que seja.

Ainda para Epp (1996), quando professores agem com atitudes agressivas, assumem uma postura rígida e autoritária, estão restringindo a autonomia do aluno, dificultando-lhe assim a construção de um pensamento autônomo e crítico, onde o aluno se sente injustiçado, fazendo com que a relação entre eles se torne complicada.

Diante disso, é necessário que o professor se conscientize que nem toda contestação é sinal de desobediência, desordem, bagunça ou desrespeito, enquanto que outras vezes, qualquer limite, parâmetro e diretriz é visto como uma prática autoritária e cerceadora da espontaneidade dos alunos de forma que os desejos e vontades do adolescente devem ser norteadores do espaço escolar.

Aguiar (2008) aponta uma das causas um dos estudiosos pesquisados é a defasagem existente entre série/idade dos alunos em razão dos que repetem o ano muitas vezes e passam a frequentar um ambiente escolar com alunos mais novos. Vários desses repetentes se revoltam com um ambiente que parece não lhes pertencer.

Para Rego (1996), considera-se uma das causas da indisciplina como ideia não compactuada por este autor; mas vale considerar os traços inerentes da infância/adolescência/juventude. É como se toda criança fosse egocêntrica e todo jovem, revoltado por natureza levando-os à indisciplina em sala de aula.

Ao analisar quaisquer das causas atribuídas à indisciplina Tiba (1996) considera necessário levar em conta as características dos envolvidos principais dessa questão: aluno, professor e ambiente escolar. Nenhuma análise, segundo o autor referenciado, deve ser feita de forma isolada, evitando, assim, conclusões rasas sobre essa temática.

Observar a indisciplina com base na percepção do aluno é extremamente positivo para amenizá-la. Discutir e estabelecer regras com a colaboração do corpo

discente tem sido uma estratégia utilizada, com sucesso, em algumas escolas, afirma Silva (2011).

Por sua vez, o professor precisa assumir o papel de coordenador do processo de aprendizagem de tal forma que não seja omissivo e sim, interativo. Para tanto é primordial que esteja atento às diferenças entre os seus alunos de forma que possa combinar atitudes e possibilidades múltiplas.

O professor precisa ficar atento a não tomar uma atitude que aparentemente possa ser mais fácil de conduzir, que é a padronização de comportamento. Um grupo de alunos de uma mesma sala de aula não pode significar padronização e sim combinação de comportamentos a serem trabalhados pelo professor coordenador, segundo Vasconcellos (1995).

De acordo com as visões dos autores analisados, esse fenômeno não é provocado apenas por questões pedagógicas. Há uma série de outros motivos como: a ausência de moral; a ausência de limites em casa e a permissividade dos pais; a falta de motivação; a desvalorização da importância da escola e do estudo, dentre outras causas, que provocam a indisciplina e dificultam o processo educacional. Identificar as causas mais comuns dessa ocorrência em determinada sala de aula, grupo de alunos ou mesmo partindo de um só aluno permite escolher o meio mais adequado de combater esse mal.

1.4A EDUCAÇÃO FAMILIAR E OS VALORES ÉTICOS E MORAIS

A educação em valores, que se desenvolve na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas escolas, nas manifestações culturais, nos movimentos e nas organizações sociais, é uma questão fundamental da sociedade atual, imersa numa rede complexa de situações e fenômenos que exige, a cada dia, intervenções sistemáticas e planejadas dos profissionais da educação escolar.

Assim, menciona Moreira (2001, p.22) que a família era definida como um "agregado doméstico composto por pessoas unidas por vínculos de aliança, consanguinidade ou outros laços sociais, podendo ser restrita ou alargada". Atualmente, a família tem seus valores que se estendem até ao ambiente escolar.

Dessa maneira, abranger então que a partir de então o homem não estaria mais sozinho, ele passaria a ser membro de um núcleo familiar, a vinculação e a relação de aliança entre os sujeitos que constituem o núcleo familiar garante ao

indivíduo a satisfação de socialização e o estabelecimento de vínculos afetivos. Em relação a essa teoria da família Dias (2005, p. 210) relata que:

A família é um grupo aparentado responsável principalmente pela socialização de suas crianças e pela satisfação de necessidades básicas. Ela consiste em um aglomerado de pessoas relacionadas entre si pelo sangue, casamento, aliança ou adoção, vivendo juntas ou não por um período de tempo indefinido. (DIAS, 2005, p.210)

O conceito de família foi sendo modificado e acompanha as mudanças estruturais que ocorrem na sociedade, não existe um padrão para a constituição de uma família, embora pode se perceber que na sociedade contemporânea ainda é muito forte o modelo de família nuclear composta por pai, mães e filhos. No entanto, a composição familiar deve respeitar sobre tudo, o vínculo afetivo, bem como contribuir para a formação de valores éticos e morais de seus filhos.

A educação tratada por Durkheim (1978) de internalização dos conhecimentos transmitidos pelos indivíduos mais velhos aos mais novos pode ser considerada aquela denominada de informal, que se dá nos espaços de socialização, sem haver uma sistematização e institucionalização. A família assume papel preponderante para garantir as primeiras formas de socialização e inserção do indivíduo na sociedade, para que dessa forma se garanta a produção e reprodução das tradições e valores sociais.

A formação de cada sujeito vai corresponder às influências do meio social em que o sujeito está inserido, isso significa que, a família faz parte desse meio e torna-se dessa forma uma das mais importantes influenciadoras do desenvolvimento cognitivo e psicológico de seus componentes. (MÉDICI apud SOUSA, JOSÉ FILHO, 2008, p. 2).

[...] Todo o seu progresso psicológico foi realizado, até então, através das relações com outrem, principalmente os pais. De começo, a criança fundiu-se com as pessoas que a rodeiam, identificou-se com elas, foi invadida pela sua presença [...]. (MÉDICI apud SOUSA; JOSÉ FILHO, 2008, p. 2).

Percebe-se que o ambiente familiar tem uma importante influência no desenvolvimento afetivo e cognitivo da criança fazendo com que ela tenha um relacionamento saudável com a sociedade ao seu redor. Bossa (1998) relata que

“mais do que responsáveis pela qualidade de vida, os pais são construtores do aparelho psíquico dos seus filhos”.

Para Aristóteles (2001), a ética está ligada ao modo de ser, à conduta do indivíduo na sociedade, fundamentando-se na prática e teoria humana. A ética é busca a reflexão acerca do bem viver e das virtudes humanas. Sendo assim, pode-se dizer que a ética não é um saber acabado porque reflete acerca da liberdade de escolher de como se quer viver.

A ética apresenta-se como uma inteligência compartilhada, a serviço do aperfeiçoamento da convivência. Desta forma, o homem é entendido como o único animal que é capaz de decidir, escolher e julgar por si mesmo (Razão). Portanto, diante da concepção aristotélica, os indivíduos entendidos como animais racionais são capazes de atribuir valor e fazer escolhas:

[...] o homem é por natureza uma (sic) animal social, [...] que tem o dom da fala. [...] Mas a fala tem a finalidade de indicar o conveniente e o nocivo, e, portanto também o justo e o injusto; a característica específica do homem em comparação com os outros animais é que somente ele tem o sentimento do bem e do mal, do justo e do injusto e de outras qualidades morais, e é a comunidade de seres com tal sentimento que constitui a família e a cidade (ARISTÓTELES, 1997).

A educação em valores é uma exigência da sociedade atual, inserida no mundo globalizado e marcada, no início deste século, por tantas mudanças tecnológicas e novos paradigmas políticos, culturais e educacionais, ora debatidos por diferentes agentes sociais.

Para Kant (1993, 1997) formula sua filosofia moral como forma de subsidiar sua teoria na busca da paz universal. Para o autor, todo indivíduo estaria submetido ao imperativo categórico entendido como o dever de toda pessoa agir conforme princípios pelos quais considera que seriam benéficos para todos.

Kant (2006) ressalta a educação como o centro do campo moral, se referindo a ideia de que para se ter autonomia é necessário se produzir razão e universalidade: “Como poderíamos tornar os homens felizes, se não os tornamos morais e sábios”. Desta forma, para se ter uma conduta geral e uniforme a partir do comportamento de indivíduos autônomos, capazes de tomar decisões e fazer escolhas, é necessário que se introduza valores morais compatíveis com o humanismo e a universalidade.

Não é uma tarefa fácil abordar a questão dos valores na educação escolar. A família deve estar incluída neste contexto, impondo limites e costumes benéficos aos filhos, que serão alunos, em ambiente escolar. O fortalecimento da relação escola-família proporciona envolvimento nos estudos ajudando no equilíbrio emocional dos filhos, melhorando a aprendizagem. Segundo Sá Telles (1993, p.17-20)

(...) a força do exemplo dos pais é decisiva na educação doméstica. Todo esforço que os pais fizerem para se tornarem modelos de vida e educação para os filhos sempre será desejável. Daí porque a conduta cívica, moral, religiosa, intelectual e social dos pais deverá sempre ser espelho, modelo e lição para os filhos com vistas à sua educação (SÁ TELLES, 1993, p.17).

É preciso compreender a família como um fenômeno historicamente situado, sujeito às alterações, de acordo com as mudanças das relações de produção estabelecidas entre os homens [...] É evidente que as funções da família vão depender do lugar que ela ocupa na organização social e na economia. (ARANHA, 1989, p. 75).

A família não é o único canal pelo qual se pode tratar a questão da socialização, mas é, sem dúvida, um âmbito privilegiado, uma vez que este tende a ser o primeiro grupo responsável pela tarefa socializadora. A família constitui uma das mediações entre o homem e a sociedade. Sob este prisma, "a família não só interioriza aspectos ideológicos dominantes na sociedade, como projeta, ainda, em outros grupos os modelos de relação criados e recriados dentro do próprio grupo. "(CARVALHO, M.B. 2006,p.90).

Atualmente há uma confusão de papéis, cobranças para as duas instituições e novas atribuições profissionais. A escola, entretanto, tem uma especificidade-a obrigação de ensinar (bem) conteúdos específicos de áreas de saber, entretanto, por ser considerado natural, expressão do amor e do dever dos pais, o apoio da família ao sucesso escolar ainda permanece mais implícito do que explícito.

As escolas têm contado com a contribuição acadêmica da família de duas maneiras: (a) construindo o currículo (e o sucesso escolar) implicitamente com base no capital cultural similar herdado pelos alunos, isto é, com base no *habitus* ou sistema de disposições cognitivas adquiridas na socialização primária ou educação doméstica, o que supõe afinidade cultural entre escola e família (1977 PASSERON apud CARVALHO, 2005, p. 05)

Há crianças nos anos iniciais de sua vida se sentem dependentes da família, então é o momento de ensinar e mostrar o prazer em aprender, aproveitar esta

convivência e esta confiança para iniciar o “Aprender a Aprender” desenvolvendo algo de tamanha importância, e que está ficando perdido. Os pais amam seus filhos e podem ensinar com amor, carinho e presença que para eles é o que realmente importa.

Seus filhos não precisam de gigantes, precisam de seres humanos. Não precisam de executivos, médicos, empresários, administradores de empresa, mas de você, do jeito que você é. Adquira o hábito de abrir o seu coração para os seus filhos e deixá-los registrar uma imagem excelente de sua personalidade. (Cury, 2003, pág. 26)

A própria escola tem de mostrar coesão e transparência, trabalhando em equipe, entre si, e em relação à família de seus alunos. É muito importante que haja coerência (...) entre o que os pais e a escola fazem na educação de crianças e adolescentes, principalmente nas questões que podem prejudicar a construção do cidadão ético, feliz e competente que vai assumir o Brasil que estamos lhe deixando. (Tiba, 2006, pág. 148).

Portanto, a educação escolar não se restringe mais, como no passado, à mera transmissão de conhecimentos, em que a atividade de ensinar era centrada no professor, detentor dos saberes, e no aluno, um mero receptor da matéria. Na sociedade atual, com a ampliação das ambiências de formação escolar, o aluno passa a ser o centro do processo didático-pedagógico, e a educação escolar, agora, entendida como processo de desenvolvimento físico, intelectual e moral do educando.

2 DESAFIOS DA ESCOLA COM A INDISCIPLINA ESCOLAR

2.1 TIPOS DE INDISCIPLINAS E EVENTOS DE VIOLÊNCIA PRATICADA POR ALUNOS

As escolas brasileiras vêm passando por um grande processo de mudanças internas. Infelizmente essas mudanças não são boas nem para os professores nem para os pais de alunos. Na verdade, elas interferem na qualidade da educação. São agressões e indisciplinas que estão cada vez mais presentes no cotidiano de quem trabalha na educação, mais especificamente na escola. Isso é um problema que parece não ter solução e que vem atingindo todos os participantes da comunidade escolar.

A violência chegou com tudo nas escolas. Muitas vezes, o professor presencia conflitos dentro de sala de aula, o que acaba gerando desgaste físico e emocional. Diante disso Marriel *et al.* (2006) aponta para o fato de que dentre os vários problemas que interferem na qualidade da educação, o que mais se destaca é a indisciplina que tem início de modo não-físico (palavrões e xingamentos), podendo chegar à agressões físicas, como socos e empurrões, dentro do ambiente escolar.

A questão é que esses confrontos não ficam apenas entre os alunos, e acabam atingindo também professores e outros funcionários das instituições de ensino. Pesquisas são realizadas para saber quais são os tipos mais comuns de agressões nas escolas. Uma delas realizada por Ristum e Bastos (2004) com professores do Ensino Fundamental resultaram que o tipo mais comum é a agressão física e verbal.

Conforme Aquino (1998), a agressão física e verbal na verdade são indisciplinas e que representam dois dos principais problemas das escolas contemporâneas, portanto são geradoras do mau aproveitamento escolar e conseqüentemente se transformam em obstáculos para a ação docente no que tange ao trabalho em sala de aula.

Do ponto de vista de La Taille (1996, p. 10) “se entendermos por disciplina comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá se traduzir de duas formas: 1) a revolta contra estas normas; 2) o desconhecimento delas”. A indisciplina escolar traz no seu bojo um conjunto de descumprimentos de normas escolares e também de legislações aplicadas. Sabe-se que o processo de aprendizagem precisa de disciplina para que aconteça de forma eficaz e tranquila.

Dessa forma, a disciplina no âmbito escolar deve equivaler à aceitação do outro e atitudes tolerantes.

Saviani (2005, p. 118) ressalta que o modo como eram colocadas as carteiras em sala de aula estava voltado ao autoritarismo e centralização no professor, assim eram "(...) fixas e voltadas para determinado ponto onde se encontra o professor (...) por isso é uma sala de aula silenciosa, de paredes opacas". Portanto, as salas de aulas funcionavam como um templo sagrado, em que o professor era o centro do aprendizado.

Essa forma de disciplina imposta causa certo saudosismo por parte de muitos professores, educados nesta escola e que ainda veem neste tipo de comportamento a solução para os problemas que enfrentam em sala de aula. Assim Aquino (1996, p. 43), referindo-se ao comportamento dos alunos na antiga escola, aborda que "o silêncio nas aulas é absoluto e, fora delas, contido. Os movimentos corporais por sua vez, são completamente esquadrihados: sentados em sala, e em fila fora dela".

Segundo Lima (2006), a escola exerce um papel importante na transformação dos alunos de forma que, nem ela e nem professores, permaneçam indiferentes diante à situação de indisciplina praticada por alunos. Assim, alguma coisa deve ser feita pelos professores e pela escola com o objetivo de contornar essa problemática.

No entanto, infelizmente, os alunos de hoje já não são mais aqueles que frequentaram as salas de aula no passado, onde se acreditava que através da escola se alcançaria a ascensão social. Além disso, a escola atendia poucos alunos. De acordo com Vasconcellos (2006) com a descrença de que a escola é o único meio de ascensão social ficou mais difícil para o professor presenciar comportamentos adequados por parte dos alunos.

Assim, Freire (1991) ressalta que a disciplina envolve autodisciplina. No entanto, cabe a cada um buscar pela autodisciplina. Em contrapartida, a indisciplina é a falta de regras, ou a desobediência às regras sem justificativa. E mais do que procurar encontrar receitas mágicas para resolver tal problemática é importante salientar que a escola deve sim buscar meios de se recuperar, já que sua imagem vem a cada dia sendo manchada em razão do processo histórico na qual está inserida. Portanto, a disciplina diz respeito a todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem: direção, alunos, professores, pedagogos, funcionários e pais.

2.2 A COMUNIDADE ESCOLAR E OS PROFESSORES FRENTE À VIOLÊNCIA

Atualmente, a violência presente nas escolas constitui um dado alarmante. Principalmente por causa dos impactos que tem sobre as vítimas, os agressores, e os que testemunham dessa prática. Ela contribui para a desmoralização educacional, tendo em vista que a escola é um lugar de busca pelo conhecimento e prazer pelo aprendizado. É importante ressaltar que a violência nas escolas não se caracteriza como novo e apresenta-se de forma muitas vezes diversificada e complexa.

É lamentável que a escola não seja mais um lugar livre de violências, estando à mercê de riscos externos. É evidente que quem participa de atos violentos no âmbito escolar está sujeito a penalidades internas que vão desde a expulsão do aluno a advertências disciplinares, no entanto muitos dos agressores não se importam com isso e após o cumprimento de tais advertências voltam a mesma prática. Frequente nas mídias e às vezes até tratada como normal, a violência pode ser definida como:

Violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo. - incivildades: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito; violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos (CHARLOT apud ABROMOVAY, 2002, p. 69).

Na citação acima, o autor demonstra as várias formas e tipos comuns de violências que atingem a rotina das escolas, afetando alunos, professores e demais funcionários dessa instituição de ensino, impossibilitando-a de cumprir sua função social de ensinar. Em vista disso, atitudes violentas têm efeito contrário na vida de todos os sujeitos que compõem a escola.

O problema vem se expandindo em escolas públicas e também particulares, virando notícia diária nas mídias por ter se transformado em problema nacional. A ausência familiar é um problema, pois a falta desse apoio torna a escola frágil, porque o não preenchimento dessa lacuna muitas vezes é decorrente do descaso no grupo familiar.

Conforme Peralva (1997, p. 20) “a violência entre alunos constrói-se em torno de duas lógicas complementares: de um lado, encenação ritual e lúdica de uma violência verbal e física; de outro, engajamento pessoal em relações de força (...). Enquanto Instituição, a escola acaba sendo atingida pelos reflexos da violência que vêm ocasionando atrito nas salas de aulas, o que acaba atrapalhando o ensino-aprendizagem e as relações interpessoais.

Os professores reclamam de insultos por parte de alunos e até mesmo de pais, insultos esses compostos de palavras agressivas, ridicularizações entre outros. Para Sposito (1998, p. 25) “a violência escolar expressa aspectos epidêmicos de processos de natureza mais ampla, ainda insuficientemente conhecidos, que requer investigação.” O autor ressalta para a importância da investigação dos atos de agressão para se chegar a uma possível solução. Entre tantos fatores, o principal continua sendo o familiar que é a peça fundamental no cenário educacional.

De acordo com Moreira (1997), a opressão sofrida pelos professores em seu exercício educacional o deixa na defensiva pelo fato de suas ações profissionais não serem privilegiadas, fazendo com que muitos percam a esperança no sistema educacional. São tantos obstáculos que a maior parte dos professores não quer mais estar em sala de aula. Muitos trocam de profissão unicamente pelo medo e pela desvalorização geral.

Diante de tantos problemas de comportamento dentro da sala de aula, alguns professores se recusam a repensar a sua prática porque as causas sempre estão na família ou no próprio aluno que tem obsessão por videogames e entre outros eletrônicos que existem. No entanto é sabido por parte de professores que na escola “o trabalho é árduo e complexo, mas pode ser prazeroso” (AQUINO, 1998, p. 28). Essa citação do autor se mostra contraditória quando se vai a campo saber a opinião dos profissionais da educação sobre a sala de aula.

Em razão disso, há um desejo por parte de muitos professores que percebem a premência que se faz presente em transformar a situação da educação hoje para que, enfim, alcance a todos. A não aceitação do cenário atual da educação os incentivam a buscar alternativas de mudanças por recusar a situação tal como se encontra. O ponto chave é saber de que forma, pois segundo Ramos e Gonçalves (1996), ações por meio de práticas educativas são maneiras de alcançar o desenvolvimento dos próprios desempenhos. Daí a importância de se repensar a educação com o objetivo de sanar as adversidades.

2.3 DESAFIOS DA DOCÊNCIA EM RELAÇÃO À INDISCIPLINA

Para a maioria dos professores, a indisciplina é um obstáculo pedagógico e é comparada a um verdadeiro pesadelo da docência. Muitos, por não saberem agir diante de tal problemática, desistem da sala de aula. Por esse motivo é comum encontrar professores preocupados e em desespero diante a dificuldade em ministrar aulas, deixando até de acreditar na mudança da educação.

Não é de estranhar que muitos professores tenham medo de exercer a docência, pois segundo Parrat-Dayana (2008 p. 11) “diante de tanta dificuldade ensinar, no momento atual seria uma missão impossível [...]” Os problemas disciplinares viraram rotinas escolares. Por isso a descrença na possibilidade de melhoria na educação.

Todavia, para tentar minimizar a aflição do docente, o PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional PDE) pensou em uma maneira de capacitar os professores através de uma formação continuada, a fim de que possam diagnosticar problemas e encontrar soluções reais juntamente com a escola.

Serrão e Baleeiro (1999) apontam para o fato de que a educação é a chave de transformação para aquele que sabe fazer as escolhas certas. Diante dessa premissa, o professor necessita organizar a sua reflexão acerca de seu exercício docente. No entanto essas mudanças surtirão efeito apenas se houver a união de todo o corpo escolar, para que possa se concretizar o processo de transformação dessa realidade.

Estudiosos postulam que a solução da indisciplina escolar pode ter início com a participação familiar. Conforme os escritos de Vygotsky (1984), a indisciplina não pode ser deixada de lado perante a família e muito menos à escola por serem moldes da educação. Na mesma linha de raciocínio, Rego (1996, p. 97) enfatiza que “(...) família, entendida como no primeiro contexto de socialização, exerce, indubitavelmente, grande influência sobre a criança e o adolescente.” Daí a importância da participação familiar juntamente com escola.

Os professores afirmam que muitos pais não são presentes na vida escolar de seus filhos. Por esse motivo a reunião é um lugar perfeito para tentar conscientizar os pais da sua importância no contexto escolar. Por isso a importância

da escola desenvolver um trabalho participativo entre pais e alunos, em que estes se envolvam e compreendam o que está sendo proposto para ele. Segundo Aquino (2003):

(...) a maioria dos educadores não sabe ao certo como administrar o ato indisciplinado... não sabe como geri-lo e, a partir daí entram em cena várias suspeitas, Suspeita-se que a indisciplina discente seja um fenômeno típico da adolescência, e esta caracterizada pelo questionamento das normas e dos valores impingidos pelo mundo adulto.(AQUINO, p. 10-11)

Conforme o exposto pelo autor acima citado, compreende-se que a família é a principal influenciadora do comportamento dos adolescentes por ser a principal responsável por sua educação. Fica evidente a necessidade de que é mais do que necessário a discussão numa perspectiva dialética de socialização entre a família e a escola para o desenvolvimento do alunado, o que acaba por contribuir na melhoria do ensino-aprendizagem.

Diante de tudo que foi mencionado, o professor deve ter em mente que a mudança não parte somente do seu desejo de transformação, e sim de todo o contexto situacional que envolve o aluno. É claro que isso não é uma tarefa fácil de conciliar, porém a sala de aula é um lugar onde há encontros de saberes e construção de conhecimentos. Nessa perspectiva, Parrat-Dayana (2008, p. 64) afirma que "(...) é mais eficaz se aproximar calmamente de um aluno e pedir para retomar seu trabalho que chamar a sua atenção em voz alta na frente de todos. [...]". O modo como acontece a relação professor-aluno é a chave para o desafio frente a essas questões.

Portanto, fazer uma construção de uma disciplina favorável ao todo escolar, certamente, não é possível, no entanto, encontrados os erros escolares e familiares que são geradores da indisciplina já é fato consumado, os dois terão vários desafios a percorrer e a aplicação de estratégias de ações pedagógicas construídas de forma conjunta será um passo certo para enfraquecer o problema da indisciplina, demonstrando um olhar de uma autoridade competente eficaz na construção de novos comportamentos em alunos e professores, objetivando compromisso e interesse pela transformação da comunidade escolar.

2.4 CASOS DE INDISCIPLINA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

A escola se constitui em um espaço de socialização, é promotora da aquisição de valores e construção de caráter dos indivíduos que determinarão o perfil das gerações futuras, e, conseqüentemente, o rumo da sociedade. Neste espaço está a função social da escola que abrange toda uma série de elementos que são o reflexo da cultura em que estão inseridas.

Segundo Ramos (2004), a ação educativa tem por finalidade a humanização do homem através da identificação dos elementos culturais acumulados historicamente. A escola cabe selecionar e identificar dentre esses elementos, os necessários e indispensáveis a serem transmitidos e, conseqüentemente, assimilados.

A pesquisa sobre a indisciplina escolar no Brasil tem início a partir da década de 1980. A violência nessa época não tinha grandes proporções como na atualidade e por esse motivo poucos estudiosos faziam investigações sobre a violência escolar. Todavia, os registros de violência à época não tinham amostras confiáveis porque cada gestor da instituição de ensino adotava métodos para tentar sanar esses problemas que muitas vezes ficavam isolados. Por esse motivo, Sposito (1991) menciona que:

Os primeiros passos mais sistemáticos para a compreensão do fenômeno decorrem de iniciativas dispersas do Poder Público em registrar as ocorrências de violência nas escolas para esboçar um quadro mais realista de sua magnitude e extensão (SPOSITO, 1999, p. 22).

Conforme a citação da autora acima, os registros eram feitos pelo poder público e não pelas escolas. Assim, ficaram muitos casos sem o conhecimento dos estudiosos, por isso a maioria deles tinham em mente que situações de violência não fazia parte de um problema social. Nesse período não era evidenciado a mudança no padrão da visão em relação as violências que aconteciam nos espaços escolares.

O uso da prática do castigo, utilizada em meados da década de 80, está associado a indisciplina, não apenas nas escolas, como também nas famílias, muitas vezes naturalizada por todos aqueles que se encontram envolvidos no processo educacional/formativo. Professores e alunos de todas as épocas,

possivelmente, guardaram nas lembranças episódios relacionados aos castigos recebidos nas escolas. De acordo com Garcia (1999):

A indisciplina escolar tem sido intensamente vivenciada nas escolas, apresentando-se como uma fonte de estresse nas relações interpessoais, particularmente quando associada a situações de conflito em sala de aula. Mas, além de constituir um "problema", a indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional. Trata-se de uma questão, portanto, a ser debatida e investigada amplamente. (GARCIA, 1999, p.102)

O autor acima citado ressalta para o fato do aumento da violência por indisciplina. E por isso é possível afirmar que o fenômeno da violência no cenário escolar não é um acontecimento recente e inovador. Afinal, no Brasil, esses fatos são retratados desde 1980. Nessa época, a violência não era tão grave como nos dias atuais. Hoje ela vai muito além de ser apenas um dos problemas sociais.

Em meados dos anos de 1990, os estudiosos aumentaram suas pesquisas para o interior não apenas de escolas mas também de universidades. Essas pesquisas eram difundidas e apresentadas em forma de teses e dissertações na área da educação. Começa aqui um problema onde a tendência era apenas de expansão.

Neste sentido, é nesse momento que os olhares dos pesquisadores voltam-se principalmente para as escolas públicas, pois esta era palco de grandes desigualdades se comparada a particular. Assim, "(...) atingindo não só os atos de vandalismo, que continuam a ocorrer, mas as práticas de agressões interpessoais, sobretudo entre o público estudantil" (SPOSITO, 2001, p. 94).

Ao final da década de 1990 e nos primeiros anos do ano 2000, a preocupação com a indisciplina passou a ganhar forças, pois teve um drástico e alarmante aumento. Ela se tornou um grande problema que invadiu as salas de aulas. Conforme Saviani (2005) é a partir desse momento que as queixas de professores disparam e torna-se questionável a ideia de que o início de todo esse caos não está apenas do lado de fora e é oriundo de diversos fatores externos à instituição de ensino.

Em suma, na atualidade, a indisciplina juntamente com a violência é conhecida de forma ampla, estando presente não apenas nas escolas mas também nas ruas, no trabalho e em qualquer outro ambiente social. Hoje, ela é o principal

objeto de atenção de pesquisadores, estudiosos e também da sociedade. Com o passar dos anos, a indisciplina nas escolas foi influenciada por diversos aspectos.

3 INDISCIPLINA ESCOLAR: CONCEPÇÕES DE ALUNOS E PROFESSORES DA EMEF MAGALHÃES BARATA, EM ITAITUBA- PARÁ

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Magalhães Barata, foi fundada no dia 03 de Outubro de 1981. Está localizada na Av. Rotary, s/n, bairro Bela Vista, Itaituba – Pará, CEP 68.180.390, autorizada pelo CEE (Conselho Estadual de Educação). Resolução nº 166 de 01 de abril de 2013. Teve como primeiro gestor José Bentes da Silva até o ano de 1982, que foi o criador da bandeira, letra e melodia do hino da escola. O primeiro processo eleitoral para escolha de diretor e vice-diretor eleita pela comunidade escolar ocorreu em 2009. Nesse período a escola ficou sob a responsabilidade das professoras Maria Eliete do Socorro Portéglio e Ronicléia de Oliveira Rodrigues.

O processo formativo integral do aluno pressupõe a participação efetiva tanto da escola quanto da família em sua educação. Dessa forma, percebemos a importância de desenvolvermos estratégias para aproximar a família da escola e envolvê-las na compreensão e elaboração de nosso Projeto Educacional.

A escola preocupa-se em criar condições para o aprimoramento e organização do trabalho pedagógico envolvendo a comunidade escolar e SEMED no processo ensino-aprendizagem visando a integração da mesma para a construção coletiva do conhecimento objetivando o exercício pleno da cidadania.

A avaliação tem a função de diagnosticar o nível de apropriação dos conhecimentos pelos alunos, dar-se-á como uma prática pedagógica intrínseca ao processo de ensino-aprendizagem, será contínua, cumulativa e processual devendo refletir o desenvolvimento global do aluno e considerar as características individuais deste no conjunto dos componentes curriculares, com predominância dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos.

A escola também dispõe do Programa Novo Mais Educação, criado pela Portaria MEC nº 1.144/2016 e regido pela Resolução FNDE nº 17/2017, é uma estratégia do Ministério da Educação que tem como objetivo melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental, por meio da ampliação da jornada escolar de crianças e adolescentes, otimizando o tempo de permanência dos estudantes na escola.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos para a realização deste trabalho, consistiram em uma pesquisa teórica para embasamento teórico com autores que trabalham a questão da indisciplina no contexto escolar, tais como (AGUIAR, 2009), (AQUINO, 1996), (CASTRO, 2004), (ESTRELA, 2002), (FREIRE, 1991), dentre outros; e uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa e buscou analisar os desafios dos professores frente à indisciplina na escola; identificar estratégias metodológicas dos professores e compreender possíveis causas da indisciplina no ambiente escolar.

As questões que nortearam o referido trabalho, consistiram em: Quais desafios são enfrentados pelos professores, frente à indisciplina de alunos na escola? Que procedimentos metodológicos são utilizados pelos docentes a fim de enfrentamento da indisciplina no ambiente escolar? Quais as principais causas da indisciplina em sala de aula?

O presente estudo foi realizado na EMEF Magalhães Barata em Itaituba- Pará; e os sujeitos das pesquisas foram cinco professores da referida escola, em

Novembro de 2019. Para chegar-se aos resultados, ocorreu a coleta dos dados por meio de questionário elaborados para entrevistas individuais, e análises dos mesmos com discussão sobre as respostas, propostas de contribuições para o professor lidar com a indisciplina em sala de aula, a conclusão de todo o estudo e os referenciais bibliográficos utilizados para o embasamento teórico o trabalho.

3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS

Os objetos da pesquisa para a produção deste trabalho consistiu em entrevistas com 5 (cinco) professores que trabalham na escola; sendo 3 (três) professores do sexo feminino e 2 (dois) do sexo masculino. Destes, apenas 1 (um), do sexo masculino é graduado em Letras e 4 (quatro), distribuídos em 1 (um) homem e (três) mulheres, são graduados em pedagogia.

Todos os pedagogos são pós-graduados em psicopedagogia. O professor de Letras é pós graduado em sua área, metodologia do ensino da Língua Portuguesa. Dos 5 (cinco) entrevistados, apenas um professor não trabalhou em outra instituição. O tempo de trabalho é de 3 a 15 anos na instituição, no qual a experiência em relação aos alunos é do conhecimento de todos.

3.4 ANÁLISE DA PEQUISA COM OS PROFESSORES

A escola é um ambiente onde se prepara o indivíduo para a sociedade. Atualmente, percebe-se o alto índice de indisciplina de toda natureza, proporcionando preocupações para quem está inserido no contexto educacional; e especificamente para os professores que lidam diretamente com os alunos. A pesquisa iniciou-se com a seguintes questão, que aborda a indisciplina na escola.

Quadro 01- É comum você se deparar com indiscipline nesta escola? De **Fonte:** Professores da EMEF Magalhães Barata - em Itaituba- Pará/2019

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	Sim. É muito comum perceber atos indisciplinares na escola. O reflexo da indisciplina na família é refletido na escola. Infelizmente pais ausentes quando se trata da disciplina dos filhos, contribuem para essa realidade.
P2	Sim, é muito comum observar alunos que não obedecem regras, alunos violentos e agressivos.
P3	Sim, infelizmente é muito comum alunos que falam palavrões, xingam os colegas e até professores.
	Sim, presencio isso de forma muito direta porque trabalho com crianças

P4	agressivas e hostis. Não respeitam o regimento interno da escola. Correm, brincam, bagunçam mais do que estudam.
P5	Alguma vezes. É muito comum perceber cenas na hora do recreio, aluno jogando prato de merenda no chão, riscando as paredes da escola.

É possível perceber por meio dos entrevistados, ao se indagar sobre a indisciplina na escola, estes se deparam com casos de indisciplina escolar forma constante, pois é muito comum presenciar cenas que denotam casados de alunos com falta de respeito.

Segundo outros investigados, há alunos que não obedecem regras, alunos sem limites e violentos e que é trivial perceber alunos com atitudes de desrespeito, como por exemplo, falar palavrão ou termos pejorativos. No recreio aluno jogando prato de merenda no chão, riscando as paredes da escola. Além disso, crianças que praticam o ato de bullying, batem, xingam e não respeitam regras. Na da sala, alunos costumam tratar mal seus professores e não compreendem que a escola é lugar de respeito e produção de conhecimento.

Outros ainda afirmam que não conseguem controlar seus impulsos e acham que tudo se resolve na agressão. Alguns não conseguem respeitar o regimento interno da escola e querem frequentar o espaço só para passeios; correm muito, agridem os menores e muitos até tiram “onda” com a cara dos professores. agressões verbais durante as aulas e falta de acompanhamento familiar nas atividades escolares

NA medida em que organizamos o trabalho, teremos resolvidos os principais problemas de ordem e disciplina; não de uma ordem e uma disciplina formal e superficial, que não se mantém senão por um sistema de sanções previsto como uma camisa de força que pesa tanto a quem recebe quanto a quem impõe a preocupação com a indisciplina em razão inversa com a perfeição na organização do trabalho e no interesse dinâmico e ativo dos alunos. (FREINET, 1974, p. 292)

Portanto, Freinet (1974) contribui com a discussão, afirmando que a indisciplina sempre fez parte da história da educação e é compreendida como uma violação, uma desobediência às regras relacionadas a determinado espaço ou situação; no caso da escola, às regras educacionais.

Esta, certamente é o maior problema enfrentado pela escola na atualidade e tem sido intensamente vivenciada nas escolas, apresentando-se como uma fonte do estresse nas relações interpessoais, particularmente quando associada a situações

de conflito em sala de aula. Mas, além de constituir um problema, a indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional

É necessário não banalizar a questão da indisciplina nas escolas porque muitos acreditam que isso é coisa de criança e adolescente. Mas o fato é que essa realidade precisa se vista sob uma ótica especializada para que essa problemática seja superada e todos ganhem com um ambiente de aprendizagem saudável e prazeroso.

Quadro 02- Quais os procedimentos adotados pela escola no combate à indisciplina? **Fonte:** Professores da EMEF Magalhães Barata - em Itaituba- Pará/2019

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	É muito importante que Dialogando com a família quando esta se dispões a ajudar-nos.
P2	São feitas reuniões com o conselho, com os professores, conversa com o pai da criança indisciplinada e etc.
P3	Esses caos envolvem um trabalho minucioso por parte da escola. Na maioria Das vezes uma boa conversa em particular aliado ao trabalho de boas maneirasdesenvolvidas em sala de aula resolvem parte de problemática. Além de contar com a ajuda dos pais.
P4	Através de conversas com o próprio aluno e com a família.
P5	Conversando o aluno, chamando a família para mostrar o ocorrido.

Prosseguindo a pesquisa, ao questionar os investigados sobre trabalhos desenvolvidos com alunos indisciplinados, os mesmos responderam que dialogando com a família quando esta se dispõe a ajudar. São feitas reuniões com o conselho, com os professores, conversa com o pai da criança indisciplinada e etc.

O diálogo sempre será o recurso mais eficaz no combate à disciplina, além da empatia e de atitudes desenvolvidas em sala de aula resolvem parte de problemática; além de contar com a ajuda dos pais. Sempre procuram- sedeixar os alunos cientes de seus direitos e de seus deveres. Gostar sempre de estar lembrando sobre as regras da boa convivência e os combinados da turma que são traçados logo na primeira semana de aula. Também trabalhar valores morais e éticos que são esquecidos pelas famílias.

Diante do exposto, “Embora o problema da indisciplina seja uma preocupação constante das escolas, alunos e professores, a temática é ainda pouco explorada,

sobretudo no Brasil, por pesquisas científicas, ainda que a questão seja abordada de forma indireta em vários trabalhos que tenham como foco outras dimensões da vida escolar". (SILVA, 2007, p. 19). Assim, precisa-se de uma atenção especial para este evento presente na escola e que causa preocupações para professores e demais agentes educacionais no ambiente escolar. À seguir, questão que trata do perfil do aluno indisciplinado.

Quadro 03- Trace o perfil de um aluno indisciplinado? **Fonte:**Professores da EMEF Magalhães Barata - em Itaituba- Pará/2019

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	Demonstra desrespeito para com os professores e colegas, não executa tarefas de casa e desobedece as da escola, Não costuma participar de atividades coletivas. Apresenta vocabulário impróprio.
P2	É desobediente, fala palavrão, é sem limites, não obedece regras, e as vezes é violento com os colegas.
P3	O aluno indisciplinado é aquele que não manifesta atitudes de de respeito com o próximo, ou seja não tem limites de conduta ética.
P4	Não consegue seguir regras, apresenta desobediência, quer sempre chamar atenção, desrespeita os colegas e até mesmo o professor.
P5	O aluno indisciplinado não respeita o professor, risca as paredes da escola, briga com seu colega, bagunça no recreio.

Ao se tratar do aluno indisciplinado, percebeu-se que tem descrições diversas como: é desrespeitoso para com os professores e colegas, não executa tarefas de casa e desobedece às da escola. Não costuma participar de atividades coletivas. Apresenta vocabulário impróprio. É desobediente, fala palavrão, é sem limites, não obedece a regras, e às vezes é violento com os colegas. O aluno indisciplinado é aquele que não manifesta atitudes desrespeito com o próximo, ou seja não tem limites de conduta ética.

E ainda: demonstra desobediência, quer sempre chamar atenção, desrespeita os colegas e até mesmo o professor, risca as paredes da escola, briga com seu colega, bagunça no recreio. Geralmente são: teimosos, não sentam, não fazem as tarefas de classe, batem nos colegas, falam palavrões e não respeitam regras. Agressivo, inquieto, na maioria das vezes é preguiçoso, não demonstrando nenhum interesse pelos estudos, gosta de afrontar os funcionários, não obedece ordens e comete bullying constantemente.

Desta forma, a escola não pode por si só modificar as causas que originam os problemas dos alunos indisciplinados; mas, pode fazer o possível para não

contribuir para isto e, pelo contrario, apresentar um quadro amigável, através do diálogo, com a paz necessária no ambiente educativo, democrático e um currículo integrado, baseado em seus interesses e suas vivencias.

Como diz Tiba (1996, p. 165) "O aluno que não respeita os outros precisa ser educado ou ser tratado". Diante disto, considera-se que os problemas de convivência irão aparecer sempre; porém o importante não é só evitá-los, mas manejá-los de maneira educativa. A investigação prossegue com a questão que aborda projetos que envolvam os pais na escola.

Quadro 04-A A escola desenvolve projetos voltados para o combate à indiscipline escolar? Descreva.
Fonte: Professores da EMEF Magalhães Barata - em Itaituba- Pará/2018

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	Parcialmente. Somente em datas comemorativas. Apresentações culturais. Peças teatrais. Mas nada de muita relevância e muito esporádicos. Portanto, isso não é suficiente.
P2	Sim, reuniões de pais e mestres, trabalhos feitos envolvendo as festas cívicas na escola, com a participação dos pais. Não há muita regularidade nesses projetos.
P3	Na medida do possível a escola realiza palestras no tocante ao tema, sensibilizando os pais sobre a importância da formação da conduta dos alunos enquanto cidadãos.
P4	Sim, a escola desenvolve projeto com o objetivo de amenizar a indisciplina, mas são realizados apenas em momentos bastante pontuais.
P5	Família na escola juntos, reuniões.

Os entrevistados, ao serem questionados sobre o envolvimento dos pais na escola, responderam que "Parcialmente". E que "Somente em datas comemorativas". "Apresentações culturais". Todavia isso não é suficiente. Sim, reuniões de pais e mestres, trabalhos feitos envolvendo as festas cívicas na escola, com a participação dos pais.

Na medida do possível a escola realiza palestras no tocante ao tema, sensibilizando os pais sobre a importância da formação da conduta dos alunos enquanto cidadãos. a escola desenvolve projeto com o objetivo de amenizar a indisciplina; reunião com os pais e sempre que necessário, conversa em particular com a criança e o pai ou mãe, faz visita na casa dos alunos. A educação é o processo de emancipação humana. Como ressalta Freire (1997),

Tudo o que a gente puder fazer no sentido de convocar os que vivem em torno da escola, e dentro da escola, no sentido de participarem, de tomarem um pouco o destino da escola na mão, também. Tudo o que a gente puder fazer nesse sentido é pouco ainda, considerando o trabalho imenso que se põe diante de nós que é o de assumir esse país democraticamente.(FREIRE, 1997, P, 124):

A escola é a instituição especializada da sociedade para oferecer oportunidades educacionais que garantam a educação básica de qualidade para todos. Sob este olhar, educar é totalmente diferente de treinar, domesticar, adaptar, moldar, adequar, integrar. Educação não é enquadrar, incutir um padrão ou modelo; mas é formar pessoas autônomas, sujeitos livres preparados para se tornar adultos responsáveis. A próxima questão trata das metodologias utilizadas em sala de aula com alunos indisciplinados.

Quadro 05- Você acha que a educação familiar interfere no comportamento do aluno? Porque?
Fonte: Professores da EMEF Magalhães Barata- em Itaituba- Pará/2019

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	Sem dúvida. Por que é na família que os primeiros valores são customizados e adquiridos.
P2	Sim, pois a família é a base de todo o aprendizado e estrutura da criança. A escola sozinha não educa ninguém.
P3	Sim. Na maioria das vezes o aluno é aquilo que vive em casa.
P4	Sim; por que se a família receber uma reclamação de seu filho e saber disciplinar com certeza seu comportamento irá melhorar; se não souber continuará mau comportado.
P5	Sim; Porque é da família que vem todos os hábitos, então se família for difícil ou não colocar limites, a criança se sentirá livre para fazer tudo.

Ao serem questionados se a educação familiar interfere no comportamento do aluno, os investigados foram enfáticos ao responderem que Sim, pois; A maioria da vezes sim. Alguns são ausentes, outros não trabalhamos limites e valores em casa. Sim, pois a família é a base de todo o aprendizado e estrutura da criança. A escola sozinha não educa ninguém.

Ainda informam que na maioria das vezes o aluno é aquilo que vive em casa. Por que se a família receber uma reclamação de seu filho e souber disciplinar com certeza seu comportamento irá melhorar; se não souber continuará mau comportado. Porque é da família que vem todos os hábitos, então se família for difícil ou não colocar limites, a criança se sentirá livre para fazer tudo. As famílias não estão educando de forma correta e estão esquecendo-se de formar o caráter das

crianças até os 7 anos de idade. por que muitos alunos são reflexos dos pais. A família ausente contribui para a indisciplina do filho e falta de interesse.

A educação é um processo contínuo, complexo e sutil, marcado por profundas contradições e processos coletivos e permanentes de formação de cada indivíduo, o que se dá na relação entre os indivíduos e entre este e a natureza, e deve aprimorar-se de acordo com a necessidade. Enfim, segue a mensagem que cada entrevistado passa para os professores que vivem e convivem com a indisciplina em sala de aula.

Quadro 06- Do seu ponto de vista os pais são responsáveis pelo mau comportamento do aluno em sala de aula? Justifique sua resposta. **Fonte:** Professores da EMEF Magalhães Barata em Itaituba-Pará/2019

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	Sim. Os primeiros ensinamentos do convívio de grupos de baseia nos princípios da família, o que muitas crianças não são habituadas ou alicerçadas nestes princípios.
P2	Às vezes sim; por não impor limites soa filhos; tem pais que não consegue dizer "não" ao filho.
P3	Sim. Pois muitas vezes falta o diálogo dos pais para com aos alunos. Às vezes a criança ou adolescente precisa apenas de uma boa conversa.
P4	Com alguns casos sim, em outros não, sempre tem aqueles pais que encobrem tudo o que o filho faz dando oportunidade para que ele continue com esse "mau" comportamento.
P5	Muitas vezes sim. Pois tem que colocar limites e desenvolver uma rotina para suas atividades para que não comprometa seu desenvolvimento e seu comportamento

Segundo os entrevistados, ao perguntar se os pais têm responsabilidade pela indisciplina de seus filhos na escola; responderam, segundo seus pontos de vistas, "Sim". Os primeiros ensinamentos do convívio de grupos de baseia nos princípios da família, o que muitas crianças não são habituadas ou alicerçadas nestes princípios. Às vezes sim; por não impor limites soa filhos; tem pais que não consegue dizer "não" ao filho.

E ainda prosseguem: com alguns casos sim, em outros não, sempre tem aqueles pais que encobrem tudo o que o filho faz dando oportunidade para que ele continue com esse "mau" comportamento. Pois tem que colocar limites e desenvolver uma rotina para suas atividades para que não comprometa seu desenvolvimento e seu comportamento. E ainda, com certeza, alguns pais jogam toda responsabilidade para a escola, esquecendo de que este espaço, onde o aluno passa somente quatro horas, serve para escolarizar.

Prosseguindo, ressaltam que a educação dos filhos é de competência da família. Ainda notamos que alguns pais temem seus filhos e, às vezes esses filhos são crianças de 06, 08 ou 10 anos, e os pais nos dizem que não sabem o que fazer e joga a criança na escola como uma forma de se livrar, por algumas horas, de um problema. A maioria da vezes sim. Alguns são ausentes, outros não trabalhamos limites e valores em casa.

Diante do exposto, "A família é definida como um sistema social pequeno e interdependente, dentro do qual podem ser encontrados subsistemas ainda menores, dependendo do tamanho da família e das definições de papel". (BUSCAGLIA, 1993, P.79)

No que se refere à questão disciplinar, a escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida à escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos.

A participação da família deve se firmar no auxílio à atuação pedagógica escolar, ou, seja, uma continuidade de coerência entre as atuações da escola e da família. Os pais devem acolher os filhos e ajudá-los, não apenas nas tarefas escolares, mas de toda vida.

Alguns pais não percebem que a falta de educação da família, causam problemas aos seus filhos; e principalmente quando não estabelecem limites para eles, atendendo todos os seus desejos sem questioná-los

Quadro- 07- Qual sua mensagem para professores, diante das indisciplinas de alunos em sala de aula? **Fonte:** Professores da EMEF Rotariano Djalma Serique em Itaituba- Pará/2018

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	Que a paciência e a sabedoria é a chave do sucesso. Porém, a criança é capaz de absorver aquilo que o professor tem de melhor. Certamente nem todas as vezes se consegue, porém, você é capaz de mudar uma criança ou uma família se você agir com sabedoria.
P2	Muito diálogo entre família e escola, sempre que possível fazer uma visita a essa criança e sua família para poder conhecer como é a vida familiar dela; isso ajuda muito com o diálogo. Por que se a família se a família não vem até a escola, nós professores temos que ir até a família, pois foi essa profissão que escolhemos trabalhar com seres humanos para que estes se tornem pessoas melhores.
P3	O professor enquanto formador de cada cidadão tem a difícil missão de buscar sempre a melhor solução para superar os desafios encontrados.
P4	Manter o equilíbrio, manter a calma, ter postura enquanto professor.
P5	Busque métodos para que possa mudar esse aluno; pois, muitas vezes é a falta de carinho, seus comportamentos, muitas vezes a realidade da criança, é complicada e ela queira chamar a atenção dessa forma.

Ao serem solicitados para deixarem uma mensagem para os professores que lidam com a indisciplina no ambiente escolar, os entrevistados enfatizaram que “Que a paciência e a sabedoria é a chave do sucesso. Porém, a criança é capaz de absorver aquilo que o professor tem de melhor. Certamente nem todas as vezes se consegue, porém, você é capaz de mudar uma criança ou uma família se você age com sabedoria. Que a paciência e a sabedoria é a chave do sucesso. Porém, a criança é capaz de absorver aquilo que o professor tem de melhor. Certamente nem todas as vezes se consegue, porém, você é capaz de mudar uma criança ou uma família se você age com sabedoria.

O professor enquanto formador de cada cidadão tem a difícil missão de buscar sempre a melhor solução para superar os desafios encontrados. Manter o equilíbrio, manter a calma, ter postura enquanto professor. Busque métodos para que possa mudar esse aluno; pois, muitas vezes é a falta de carinho, seus comportamentos, muitas vezes a realidade da criança, é complicada e ela queira chamar a atenção dessa forma.

E ainda ressaltam que precisa ter muita paciência e dedicação, porque a cada dia o desafio é grande. “Sejam persistentes! Procure sempre manter a calma. Mas não esqueça de exercer sua autoridade”. Use de autoridade, mas não de autoritarismo. Ore muito, esteja em sintonia com Deus; pois Ele pode nos fazer persistir numa profissão tão difícil. “Que tenhamos sabedoria e tolerância com nossos alunos sem perder a esperança ou vê-los transformados e aprendendo de forma qualitativa. E que encontremos meios para envolver a família de cada um”.

É preciso perceber que nem todas as inquietações ou momentos de desatenção do aluno podem ser considerados como manifestação da indisciplina. Sendo assim, é necessário que o professor tenha competência suficiente para analisar situações particulares antes de caracterizar esses comportamentos como sendo o fenômeno ora estudado.

Contudo, a indisciplina, por ser tão complexa, não deve ser combatida apenas pelo professor, condutor e coordenador da aprendizagem em sala de aula. É primordial que demais atores do processo educacional se envolvam para amenizar ou mesmo eliminar a indisciplina na escola. Pais, professores, escola, comunidade e, até mesmo, os alunos precisam trabalhar de forma consensual para atingir um mesmo objetivo: conseguir com que o respeito às regras seja uma realidade no

ambiente escolar fazendo com que o ensino aprendizagem flua de maneira ideal e enriquecedora para todos os envolvidos.

Cabe aos pais dedicar mais tempo aos estudos dos filhos com um olhar mais atento para a escola, os deveres, as provas, as notas ou quaisquer atividades e ocorrências diretamente ligadas ao desenvolvimento educacional dos filhos. À escola cabe identificar os maiores e mais repetitivos problemas de indisciplina e por meio de uma equipe multidisciplinar buscar meios para combater esse mal, evitar novas ocorrências e resgatar uma autoridade saudável perante seus alunos.

Ao professor cabe o papel mais difícil na eliminação ou diminuição do fenômeno estudado uma vez que, além de auxiliar a escola na identificação das causas, combate e prevenção da indisciplina, ao professor cabe manter o interesse do aluno em sala de aula buscando motivá-lo a ter um comportamento respeitoso e adequado que possibilite a um melhor e eficaz aprendizado.

Portanto, a escola é o local privilegiado para a formação disciplinar, porque realiza um trabalho sistemático e planejado com o conhecimento, com valores, com atitudes e com a formação de hábitos, e também objetiva o desenvolvimento, a começar pela aprendizagem que

3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES

De acordo com o resultado da pesquisa, houve a necessidade de sugerir algumas propostas para a questão da indisciplina na escola.

- I- Identificar os motivos da indisciplina;
- II- Observar os alunos e estabelecer um diálogo para auxiliar no reconhecimento de seus erros;
- III- Proporcionar um clima empático para se estabeleça diálogo diante de um conflito;
- IV- Modificar suas aulas, adotando atividades estimulantes e interativas. Esta atitude costuma gerar bons resultados.
- V- Criar algumas regras comuns para o funcionamento das aulas, com a ajuda dos próprios alunos.
- VI- Elaborar projetos que orientem os pais na educação dos filhos.
- VII- Propor tarefas viáveis e responsabilidades aos alunos indisciplinados.

A partir dessas sugestões e, com base nessa pesquisa, pode vislumbrar uma realidade positiva quando se entende que a questão da disciplina deve ser trabalhadas coletivamente com metodologias diferenciadas e dinamizadas, assim almeja-se que casos de indisciplina na escola sejam amenizados, já que a escola está na condição de responsável para trabalhar esta situação, que tem suas origens em outro segmento da sociedade.

CONCLUSÃO

Diante do trabalho de investigação realizado na escola de Ensino fundamental Magalhães Barata- em Itaituba-Pará, onde analisou- de a questão da indisciplina na escola, foi possível obter resultados satisfatórios sobre a indisciplina, presente cotidianamente e vivenciada pelos professores.

Assim, percebeu- se que os alunos indisciplinados, estão sempre apresentando atitudes como a falta valores sociais, desrespeito aos outros, utilizando- se de objetos escolares para depredação, violência física e verbal, palavrões, dentre inúmeros atos abordados em horários letivos.

Pôde-se observar por meio dessa pesquisa que a concepção de que a indisciplina escolar é algo desvinculado da ação pedagógica é ultrapassada uma vez que a disciplina pode ser construída como qualquer outro conteúdo desde que a escola reveja sua função estabelecendo novas relações construídas a partir de novos valores.

Por conseguinte, a construção de estratégias de ações pedagógicas num trabalho conjunto com a família não é tarefa fácil, mesmo por que o desafio é grande principalmente quando se busca novas formas de organização, novos pensamentos, novas formas de transmissão de conhecimento para enfrentar a indisciplina na sala de aula e na escola.

Portanto, somente uma mudança no tipo de relações estabelecidos no interior das escolas, na família e na sociedade poderá fazer com que a indisciplina seja encarada sob aspectos diferentes, isto é, os princípios que compõe as regras a serem cumprida pelos alunos sejam democráticas, justas e iguais para todos.

Os professores utilizam- se de diálogos com as crianças, com as famílias, para que possam amenizar o comportamento de indisciplinas dos alunos, como também de atividades coletivas e grupais.

Diante da indisciplina na escola, fez- se necessário a sugestão de algumas propostas para trabalhar- seno ambiente escolar, como identificar as causas , observar os alunos indisciplinados, elaborar e desenvolver projetos que trabalhem esta questão, e trabalhar juntamente com a família em forma de parceria, para a educação dos filhos, sabendo- se que esta, está presente e se apresenta de diversas formas.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Clélia da Costa Pereira. **A indisciplina e a agressividade dos alunos nas séries finais de Ensino Fundamental**. Coord. Ped., Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 130-132.
- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **Instrução pública no Brasil (1500-1889): história e legislação**. 2. ed. São Paulo: EDUC/INEP/MEC, 2000
- AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996
- AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina: o Contaponto das escolas democráticas**. São Paulo, Ed. Moderna, 2003.
- AQUINO, Julio Groppa. **A indisciplina e a escola atual**. Rev. Fac. Educ., São Paulo, v. 24, n.2, 1998
- AQUINO, Júlio. (Org) - Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. 2.ed; São Paulo : Summus, 1996 a. _____. A desordem na relação professor – aluno. In: Aquino, Júlio. (Org), Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. 2. Ed. São Paulo: Summus. 1996
- AQUINO, J.G.. **Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas**. São Paulo: Moderna, 2003.
- AQUINO, Julio Groppa (org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Sammus Editorial Ltda., 1996
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3 ed. rev e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.
- ARANHA, M.L. DE A. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Brasília: UnB, 2001. _____. **Política**. Brasília: UnB, 1997. DIAS, Maria Luíza. **Vivendo em família**. São Paulo: Moderna, 2005.
- AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos/INL, 1976. Parte 3: A transmissão da cultura.
- BARBOSA, F. A. L. ; Indisciplina Escolar: Diferentes Olhares Teóricos. In: IX Congresso Nacional de Educação EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Curitiba, 2009.
- BATISTA, C.C.R. **As relações de poder em sala de aula: uma análise discursiva sobre a perda da autoridade do sujeito-professor nesse espaço**. 2011, 134p. Dissertação (Mestrado).

BOSSA, N.A. A psipedagogia no Brasil: contribuições a parti da pratica. Porto Alegre: Artes Medicas, 1994.

CARVALHO, M. E. P. **Relações entre família e escola e suas implicações de gênero.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.110, p. 143-155, jul. 2000

CASTRO, A. H. O professor e o mundo contemporâneo. Jornal O Diário Barretos, opinião aberta, 08 julho, 2004.

CHARLOT, Bernard. Prefácio. In: ABRAMOVAY, M. et al. **Cotidiano das Escolas:** entre violências. Brasília: Unesco, Observatório de Violências nas Escolas, MEC, 2002.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes.** 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2003.

DE LA TAILLE, YVIS. **A indisciplina e o sentimento de vergonha.** In: AQUINO, J. G. (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. 16. ed. São Paulo: Summus, 1996.

DURKHEIM, E. **Educação e sociologia: com um estudo da obra de Durkheim, pelo Prof. Paul Fauconnet.** Tradução de Lourenço Filho. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos. 1978.

EPP, J.R. (1996): "**Escuelas, complicidad y fuentes de la violencia**". In EPP, J. R.; A.M.GUIMARÃES, A. M. **Indisciplina e violência: ambigüidade dos conflitos na escola.** In: AQUINO, J. G. (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1996.

ESTRELA, Maria Tereza. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula.** 3. ed. Portugal: Editora Porto, 1992.

ESTRELA, Maria Teresa. **Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na aula.** Porto Editora, 1995.

FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

FILHO, Geraldo Francisco. **A Educação Brasileira No Contexto Histórico.** 2 ed. São Paulo; Alínea, 2004.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete.** Petrópolis, Vozes, 1987. p 162 - 194.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez; 1991.

FREINET, Celestin. **A educação pelo trabalho.** Lisboa: Presença, 1974. 2 v.

GARCIA, Joe. **Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva**. Curitiba, 1999. Revista Paranaense de Desenvolvimento. Curitiba, n.95, jan./abr. 1999, p. 35-108.

GUIRADO, Marlene. **Poder indisciplina: os surpreendentes rumos da relação de poder**. In.: AQUINO, Julio Groppa (Org.) *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História geral da civilização brasileira: a época colonial**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. 4ª ed. **Prefácio à tradução portuguesa, introdução e notas**: Alexandre Fradique MOURUJÃO. Tradução: Manuela Pinto dos SANTOS e Alexandre Fradique MOURUJÃO. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, p. 30.

KANT, I. **Sobre a Pedagogia**. Tradução: FONTANELLA, F. C. 3 Ed. Piracicaba: UNIMEP, 2006.

LA TAILLE, Yves de. **A indisciplina e o sentimento de vergonha**. In.: AQUINO, Julio Groppa (Org.) *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5ª ed. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

LIMA, Priscila Augusta. **Educação Inclusiva e Igualdade Social**. São Paulo: Avercamp, 2006.

MALUF, A.M. 1993. **Efeito da temperatura e luz na germinação de sementes de duas populações de *Vernonia polyanthes* (Asteraceae)**. *Hoehnea* 20: 133-137.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MANACORDA Mario Alighiero. **História da Educação - da Antigüidade aos nossos dias**. São Paulo, Cortez, 1996.

MARRIEL, Câmara Lucimar. et al. **Violência escolar e auto-estima de adolescentes**. *Cad. Pesq.*, São Paulo, v. 36, n. 127, 2006.

MARROU, Henri-Irinée. **A antiga educação romana**. In: _____. *História da educação na antigüidade*. São Paulo: EPU, 1975. p. 357-374

MELO, Renata dos Anjos. **A Educação Superior e As Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem: Uma análise a partir da educação socioeconômica**. Dissertação de mestrado em Educação. Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo. UNISAL. SP. 2017.

MOREIRA, Marco Antonio. **Aprendizagem significativa: um conceito subjacente**. 1ª. ed. Burgos: Actas, Universidad de Burgos, v. 1, 1997.

NOVAIS, E. L. **É possível ter autoridade em sala de aula sem ser autoritário?**. Linguagem & Ensino, vol. 7, No. 1, Rio de Janeiro, 2004^a.

PARRAT-DAYAN, Sílvia. Trad. Sílvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal – **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

PERALVA, Angelina. **A generalização da violência como modo de regulação das interações humanas na região metropolitana do Rio de Janeiro: a violência juvenil**. São Paulo, Relatório de Pesquisa/CNPq, mimeografado, (1997).

PIROLA, S.M. **Marcas da indisciplina na escola: caminhos e descaminhos das práticas pedagógicas**. (2009) Tese de Doutorado. Universidade Metodista de Piracicaba. São Paulo, 2009.

RAMOS, Jeannette Filomeno Pouchain. **Gestão democrática da escola pública: a experiência do governo das mudanças**. Fortaleza: Ed. UECE, 2004. RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira**. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.

RAMOS, Maria Antônia; GONÇALVES, Rosa Edite. **As narrativas autobiográficas do professor como estratégia de desenvolvimento e a prática da supervisão**. In: ALARCÃO, Isabel (Org.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 1996.

REGO, Teresa Cristina R. **A indisciplina e o processo educacional: uma análise na perspectiva vygotskiana**. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Sammus Editorial Ltda., 1996. cap. 6, p. 86-102.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 15. ed. Campinas: Autores Associados, 1998.

RISTUM, Mariela; BASTOS, Ana Cecília de Sousa. **Violência urbana: uma análise dos conceitos de professores do ensino fundamental**. Revista Ciência Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.9, n.1, 2004.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998. 20^a edição.

SÁ TELLES, J.F de – **Pedagogia familiar: os pais na educação dos filhos**. Salvador: Lanamá, 1993.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarice. **Aprendendo a ser e a conviver**. 2^a ed. – São Paulo: FTD, 1999.

SILVA, Eliziane Gross da. **A indisciplina na visão do aluno**. Faculdade Cenecista de Osório (RS), 2011.

SILVA, Luciano Campos da. **Disciplina e Indisciplina na aula: uma perspectiva sociológica**. Belo Horizonte: UFMG, 2007. Tese (doutorado)- Programa de

pósgraduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989. p. 122-123.

SOUSA, Ana Paula de; JOSÉ FILHO, Mário. **A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional**. Revista Iberoamericana de Educación. n. 44/47, p. 1-8, 10 jan. 2008.

SPOSITO, Marília Pontes. **A instituição escolar e a violência**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 104, 1998.

TEIXEIRA SOARES, Álvaro. *O Marquês de Pombal*. Brasília: Editora da UnB, 1961.

TAILLE, Yves de La. **A indisciplina e o sentimento de vergonha**. In: TAILLE, Yves de La. **Autoridade na escola. Autoridade e autonomia na escola**. São Paulo: Summus, 1999.

TIBA, Içami. **Disciplina: o limite na medida certa**. São Paulo: Editora Gente, 1996.

TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo: novos paradigmas da educação**. 18 ed.rev. e atual. São Paulo: Integrare Editora, 2006.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **(IN)DISCIPLINA: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 13. ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad, 1995.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola**. Disponível em: Acesso em: 20 jul. 2015.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **(In) Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 16. ed. São Paulo: Libertad Editora, 2006. (Cadernos Pedagógicos do Libertad; v. 4).

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

APÊNDICES



FACULDADE DE ITAITUBA- FAI

CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA- PARÁ.

Este questionário é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Indisciplina na Escola, do Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba-FAI

Questionário para professores

Identificação:

Idade: _____ Sexo: _____

Graduação: _____

Pós- graduação _____

Tempo de trabalho nesta instituição: _____

Já trabalhou em outra instituição? _____

1- É comum você se deparar com indisciplina nesta escola?

2- Quais os procedimentos adotados pela escola no combate à indisciplina?

3- Trace o perfil de um aluno indisciplinado.

4- A escola desenvolve projetos que envolvam os pais para trabalhar a questão da indisciplina? Como?

5- Você acredita que a educação familiar interfere no comportamento do aluno? Porque?

- 6- Do seu ponto de vista os pais são responsáveis pelo mau comportamento do aluno em sala de aula? Justifique sua resposta.

- 7- Qual sua mensagem para professores, diante das indisciplinas de alunos em sala de aula?

OBRIGADO